

TAMIRIS ALINE FERREIRA

**A GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM DANÇA EM SANTA
CATARINA: O PERCURSO DE MILITÂNCIA POR SUA
IMPLANTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão apresentado
para obtenção do título de Licenciatura
em Ciências Sociais pela Universidade
Federal de Santa Catarina

Orientadora: Profa. Dra. Marcia da
Silva Mazon

Florianópolis, 2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferreira, Tamiris Aline

A graduação de licenciatura em dança em Santa Catarina : O percurso de militância por sua implantação / Tamiris Aline Ferreira ; orientadora, Prof.^a Dr.^a Marcia da Silva Mazon, 2018.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Dança. Militância. 3. Arte engajada. 4. Legitimação. 5. Processos de profissionalização. I. Mazon, Prof.^a Dr.^a Marcia da Silva . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

TAMIRIS ALINE FERREIRA

A GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM DANÇA EM SANTA CATARINA: O PERCURSO DE MILITÂNCIA POR SUA IMPLANTAÇÃO

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 18 de junho de 2018.

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marcia da Silva Mazon
Orientadora

Membro

Membro

Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

A profa. Dra. Marcia da Silva Mazon pela orientação, por ter acolhido a pesquisa e por toda atenção dada durante todo esse período.

A Sandra Meyer e Marco Aurélio da Cruz Souza por participarem dessa pesquisa, por toda atenção e contribuição dada, tanto nas entrevistas como nos materiais disponibilizados.

A minha mãe Elisabeth Madeira por sempre me apoiar e ser atenciosa mesmo com a distância durante todos esses anos de universidade e que estamos longe.

As amigas Christine Fortes, Carlize e Misleine, pela força, companhia e incentivo dado durante todo processo de graduação e escrita.

Ao meu companheiro Heitor Caraméz pelo apoio e amor que sempre dado a mim, e pelas palavras de força para seguir em frente com a licenciatura.

RESUMO

Essa pesquisa pretendeu a partir de análise documental e duas entrevistas conhecer a trajetória para implementação do curso de graduação em dança em Santa Catarina, especificamente na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Através dessas entrevistas pode-se perceber que a história da implementação pelo curso de dança na UDESC é longa, e permeada de reivindicações. Essas reivindicações acontecem seja por meio de ações burocráticas, como também com dança, por meio de ações conhecidas como “Graduação em dança já” que se constituem enquanto arte engajada. O interesse pela implementação do curso de graduação em dança está relacionado com a preocupação com a docência, pesquisa e profissionalização. Nesse sentido Pierre Bourdieu (1998) reflete sobre como o ingresso numa universidade e o diploma são importantes para legitimar uma profissão. Entretanto, apesar de tantos anos reivindicando o curso de dança na UDESC, ele não ter sido implementado mostra os desafios de uma sociedade racionalizada e com dificuldade de valorizar e reconhecer profissionalmente processos ligados ao movimento artístico do corpo no ambiente acadêmico. É possível constatar a manutenção do dualismo como corpo/mente, que compreende os processos da mente como separados dos processos corpóreos.

Palavras-chave: Dança. Militância. Arte engajada. Legitimação. Processos de profissionalização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - GRADUAÇÃO EM DANÇA NO BRASIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	15
1.1 HABILIDADES ESPERADAS E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO GRADUADO EM DANÇA - BACHARELADO E LICENCIATURA	20
CAPÍTULO 2 - GRADUAÇÃO EM DANÇA EM SANTA CATARINA	25
2.1 A TRAJETÓRIA EM PROL DA GRADUAÇÃO EM DANÇA NA UDESC.....	25
2.2 A IMPLANTAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM DANÇA NA FURB	34
CAPÍTULO 3 - MILITÂNCIA COM DANÇA	41
3.1 “GRADUAÇÃO EM DANÇA JÁ”	41
3.2 SEMANA DA DANÇA NA UFSC: “GRADUAÇÃO EM DANÇA JÁ” NO ESPETÁCULO “NARRATIVAS EM DOIS CORPOS”	44
3.3 AUDIÊNCIA PÚBLICA.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
ANEXO	61
ANEXO I – GRADE CURRICULAR DO PROJETO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA DA UDESC	62

INTRODUÇÃO

Quem assistiu à abertura do Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Brasil, em 2016, pôde apreciar os espetáculos das renomadas companhias de Dança Débora Colker e Corpo. É possível constatar, pela elevada audiência destes eventos, como o Brasil é reconhecido, nacional e internacionalmente, por uma manifestação artística em particular: a dança. Existem inúmeros cursos de graduação em dança no Brasil, no entanto, nenhum deles acontece em uma instituição pública e gratuita no estado de Santa Catarina. Este TCL analisa um projeto e a militância em prol da implantação da graduação em dança em Santa Catarina, assim como os obstáculos enfrentados para sua concretização.

Desde que comecei a graduação em ciências sociais, trilhei, paralelamente, uma experiência com a dança. Nos intervalos das aulas e estudos, estava reservado o tempo para a dança, alternando aulas e ensaios. Na metade da graduação, aliando o meu interesse pela antropologia ao da dança, percebi que seria relevante, visto meu histórico e experiência com dança, propor uma etnografia a respeito da dança que estudo, a Dança Tribal.

Nesse sentido, fiz o Trabalho de Conclusão de Curso do bacharelado, intitulado: Dança Tribal – Corpo, movimento e aprendizado: trajetórias e narrativas de bailarinas de Florianópolis/SC (2015), a partir de narrativas orais e corporais sobre as experiências de aprendizado das bailarinas, em Florianópolis. Atualmente, no mestrado em antropologia social, minha dissertação: “Tribal Brasil na Cidade”: videodanças e diferentes processos de aprendizagem do Curso de Formação em Tribal Brasil, em processo de construção, tem como principal objetivo a descrição etnográfica de videodanças e de aulas de Tribal Brasil, relacionando diferentes processos de aprendizado.

Em minha trajetória, seja como pesquisadora, escrevendo sobre o aprendizado em dança, ou como bailarina, senti-me interessada pelo tema promovido nas ações artísticas, “Graduação em dança Já”, como possibilidade de pesquisa. Dessa maneira, o presente Trabalho de Conclusão de Licenciatura pretende estudar as ações promotoras da implementação da graduação em dança no estado de Santa Catarina, como práticas culturais, por meio de narrativas das pessoas envolvidas neste projeto, complementada pela análise documental, em busca da compreensão da história do projeto e de seus entraves.

Santa Catarina é considerada uma das principais capitais brasileiras envolvidas com a dança, seja pelas fortes companhias presentes no estado, como a Escola Bolshoi, ou por promover espaços que valorizam a dança,

como os 70 festivais que ocorrem no estado, como por exemplo, “Santa Catarina Dança”, “Prêmio Desterro”, “Festival de Joinville”. No entanto, o fato de não existir uma graduação em dança numa instituição pública e gratuita, é um dado contraditório e significativo que me desafiou a começar essa pesquisa.

As falas da professora Sandra Meyer, entrevistada para essa pesquisa demonstram que a Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC possui um Centro de Arte - CEART reconhecido e bem posicionado nos meios acadêmicos. Nesta universidade acontecem os cursos de graduação em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música, sendo difícil compreender a razão da ausência do curso de graduação em Dança. Sabe-se que há um projeto de graduação em dança na UDESC. Porém o andamento deste processo institucional e os procedimentos burocráticos em torno do projeto que impedem sua concretização o até o momento são pouco claros. Apesar da existência de mais de 35 cursos de graduação em dança no país, em Santa Catarina, até o mês de julho de 2017, não havia nenhum. Em contrapartida, uma militância composta por profissionais de dança da Grande Florianópolis, a APRODANÇA - Associação dos profissionais de dança de Santa Catarina e do Setorial de Dança de Florianópolis, na qual incluem professores/as e estudantes, sobretudo da Universidade Estadual de Santa Catarina UDESC, elabora, através do Centro de Arte - CEART, desde 2005, um projeto para um curso de graduação em licenciatura em dança, a ser implementado nas cidades de Florianópolis e Joinville, na UDESC. Após doze anos, o curso ainda não foi instalado, no entanto, as professoras e outras profissionais, engajadas nesse processo, mantém a militância pela graduação, principalmente através da iniciativa “Graduação em dança já”.

No ano de 2015, o dossiê “Semana graduação em dança já: dossiê da mobilização dos profissionais da dança em Florianópolis em prol da graduação em dança da UDESC nas cidades de Florianópolis e Joinville”, é assinado e divulgado pelos profissionais de dança e associações citadas. Além de expressar o cenário em que o projeto está inserido, incluindo o cancelamento de sua implementação, prometida para 2013, o dossiê contém também as ações artísticas realizadas por profissionais em prol do curso.

Em meio a esse processo, surge o curso de dança em uma instituição de ensino superior paga (FURB) na cidade de Blumenau - SC, em julho de 2017, com mensalidade de R\$ 750,00, sendo o primeiro curso de graduação em dança do estado. Enquanto isso, o projeto da graduação em dança da UDESC, em Florianópolis e Joinville, permanece sem solução. No entanto, o processo de inclusão da dança nos currículos de

escolas básicas está crescendo, o que torna ainda mais urgente a implantação de uma graduação em dança, pública e gratuita, para formar professores e professoras para atender esta demanda.

O histórico de engajamento pelo curso de graduação em dança ocorre também através da arte. Manifestações artísticas de mobilização pelo curso de graduação em dança se constituem como “arte engajada”, realizadas através de performances que reivindicam o direito ao estudo gratuito de dança, no estado de Santa Catarina. Existem grandes escolas de dança no estado, entretanto, a formalização de uma licenciatura em dança, em uma universidade pública e gratuita se faz necessária, e está relacionada à preocupação do campo com a docência qualificada, a pesquisa e o reconhecimento da licenciatura em dança como profissão.

Vale ressaltar que antes de um curso em dança, existe uma expressão artística nomeada como dança. Segundo Bourdieu, há uma disputa que constitui um aspecto do campo dos bens simbólicos: estes bens guardam a especificidade de que o trabalho de fabricação material do bem não existe “*sem o trabalho de produção do valor do objeto fabricado*” (Bourdieu, 1996, p.198). Ainda falando no campo artístico, Bourdieu observa que este se distingue dos demais por caracterizar-se pelo baixo grau de codificação de suas fronteiras; para nele ingressar, os agentes não necessitariam estar munidos de diplomas específicos, formações escolares prévias ou outros tipos de capitais formalmente regulamentados (Bourdieu, 2001).

Considerando a importância do ensino superior de dança, em Santa Catarina, colocado pelos agentes que atuam em prol de sua implantação no estado, a questão que coloco para essa pesquisa é: quais as motivações anunciadas pelo movimento de engajamento em defesa do curso de graduação em dança? Como objetivo específico, uma pergunta fundamental: Qual o percurso para a implantação do curso em Santa Catarina?

O engajamento em manifestações artísticas, em prol da implementação do projeto do curso de graduação em dança, é possível, a partir de uma série de experiências que são construídas ao longo desta trajetória. Em tal percurso, encontra-se o momento em que além de reuniões e ações burocráticas, os/as bailarinas/os envolvidas sentem a necessidade de militar através de práticas artísticas. É possível pensar, então, a partir das ações do “Graduação em dança já”, que as lutas políticas são feitas pela arte e com arte.

Ao refletir sobre essas questões, este trabalho também se propõe a discutir maneiras de fazer políticas culturais com práticas culturais. A antropologia da dança considera que a dança é há muito tempo, no

conhecimento antropológico fundamental como técnica corporal (MAUSS,1934) e modo de expressão artística e cultural, o que ampara a compreensão da necessidade de situar o corpo e a dança como um processo racional. A não valorização do curso de graduação em dança no estado também pode ser percebido como um processo que separa a dança da ciência, ao não considerar a dança como um conhecimento que precisa estar presente como curso acadêmico.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, baseada em análise documental de artigos e livros sobre a implantação da graduação em dança no Brasil, e entrevistas com a bailarina Sandra Meyer e o professor Marco Aurélio da Cruz Souza, engajados em implantar o curso na UDESC e na FURB, respectivamente. Em ambas as entrevistas foi utilizado o gravador, em consenso com os entrevistados. A entrevista realizada com Sandra Meyer foi feita pessoalmente, e a entrevista com Marco Aurélio da Cruz Souza foi realizada por telefone, devido à distância.

Esse trabalho é estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo traz um breve panorama histórico sobre a graduação em dança no Brasil. A referência é o livro resultado do encontro “IX Seminários em dança: graduação em dança no Brasil”. Além do panorama histórico, esse capítulo também discute as habilidades e a profissionalização do graduado em dança, a importância do diploma, a partir dos conceitos teóricos de Pierre Bourdieu (1998) para o profissional da dança.

O segundo capítulo analisa o projeto construído com intuito de defesa da graduação em dança em Santa Catarina, com base na entrevista com a bailarina Sandra Meyer. Neste capítulo pode-se observar como se deu a trajetória da implementação da graduação em dança na UDESC e obstáculos. Exploro as justificativas mobilizadas pelos entrevistados a respeito dos trâmites burocráticos envolvidos nesse processo. Igualmente nesse capítulo trago a entrevista com Marco Aurélio da Cruz Souza que fala sobre a implantação do curso de dança na FURB, como contraponto para pensar as possíveis razões do processo mal sucedido na UDESC.

No terceiro capítulo são discutidas as ações em prol do graduação em dança, como o “Semana do Graduação em dança já” e outras iniciativas artísticas que reivindicaram o curso de graduação em dança em Santa Catarina.

CAPÍTULO 1 - GRADUAÇÃO EM DANÇA NO BRASIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 2015, ocorreu o IX Seminários de Dança de Joinville, cujas produções e trabalhos apresentados foram coletados, compilados e publicados no livro “Graduações em dança no Brasil: o que será que será?”, organizado pelo Instituto Festival de dança de Joinville e pela professora e bailarina Thereza Rocha, e produzido pela editora de Joinville Nova Letra.

Esse livro reúne uma série de reflexões sobre os cursos de graduação em dança no país, que proporcionam uma avaliação da base curricular da graduação em dança já existente, a partir do olhar de 15 universidades em dança existentes no Brasil. Além disso, o prefácio do livro aborda o debate sobre a importância da formação acadêmica em Joinville para “alavancar o desenvolvimento cultural e artístico da região”, o que justifica a implantação da graduação em dança em Santa Catarina. Um dos motivos apontados é o próprio festival de Joinville, referência em dança no país, e o outro a escola localizada em Joinville ser a única sede da Escola do Teatro *Bolshoi* fora da Rússia. Ela foi resultado do empenho do prefeito de Joinville, Luiz Henrique da Silveira em 2000, logo depois tornou-se figura eminente no cenário político catarinense e nacional.

Com base na avaliação da base curricular, o IX Seminário debateu alternativas pedagógicas para implantar um curso de dança em Joinville - considerada a capital nacional da dança. Para pensar o contexto da graduação em dança no Brasil, incluindo as habilitações de bacharelado, licenciatura e tecnológico, o IX Seminário de dança de Joinville contou com duas conferências de abertura, apresentação de espetáculo, e programação com 19 falas de artistas-pesquisadores tão bem como apresentação de 34 trabalhos acadêmicos. Nesse evento, propôs-se pensar o currículo de graduação como “cartografia”, compreendendo dessa forma a cartografia não simplesmente como um mapa, mas sim toda rede de relações e associações nos quais o currículo está emaranhado. O livro foi dividido em três sessões: 1º “Conferências”, 2º “Conversas de danças nas graduações”, 3º “Trabalhos Acadêmicos”. Na primeira parte podemos ter um parâmetro sobre o cenário da graduação em dança no país.

Elaine Silva (2016) informa no livro que o primeiro curso de graduação em dança no Brasil surgiu na Universidade Federal da Bahia - UFBA, a “Escola da Dança”, que tem 60 anos, concentrando-se na dança contemporânea.

Por 29 anos a Escola de Dança da UFBA foi a única em nível superior no Brasil e se consolidou como centro difusor da criação artística e do pensamento teórico em dança contemporânea. Além de concentrar-se na formação de dançarinos, coreógrafos, professores e pesquisadores que alimentam continuamente a demanda do setor no país, a Escola de Dança tem influenciado significativamente, no decorrer de sua história, a criação de muitos grupos e solistas que se caracterizam por intensa experimentação em dança contemporânea. (SILVA, 2016, p.31)

No entanto, conforme coloca Aquino (2003), entre os anos de 1920 e 1940, portanto, anteriormente ao curso da UFBA, o estudo da dança ocorria em São Paulo e no Rio de Janeiro, distribuídos nas Escolas Municipais de Bailados dos teatros de centros urbanos. Essas escolas tinham como intuito preparar profissionais bailarinos para o próprio corpo de baile dos teatros, e também capacitar os bailarinos para o magistério da dança e para exercerem a atividade de docência dentro das escolas de teatro. Em meados de 1930, surge no Rio de Janeiro, sob a direção de Maria Olenewa, a dança clássica na Escola Municipal de Ballet, que até hoje é uma escola muito conceituada no campo da dança. Nesse espaço de tempo, até o surgimento da primeira graduação em dança, bailarinas, como Chinita Ullmann, ensinavam dança moderna em São Paulo. Nessa época despontaram nomes importantes na dança, como o de Maria Duschnes, São Paulo (1942); e Yanka Rudzka, São Paulo (1952), que lecionou, na Bahia, cursos livres de danças, ofertados pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia. É nesse momento que a dança entra pela primeira vez como parte de ensino de uma universidade no Brasil. Importante destacar que nesse momento a UFBA já tinha cursos de Artes plásticas, Música e Teatro, espaços através dos quais a dança entra na universidade, sendo possível a implantação da graduação em dança na Universidade Federal da Bahia, em 1956, que aderiu tanto ao bacharelado como à licenciatura.

Por quase vinte e cinco anos a UFBA foi a única instituição que formava profissionais da dança em nível superior no país. Apesar do Rio de Janeiro ser um importante local da dança, por causa do teatro de Belas Artes, a primeira graduação foi implantada somente em 1985, no Centro Universitário da Cidade (Faculdade da Cidade), tendo como habilidade a licenciatura. Os cursos de graduação em dança não conseguiam o reconhecimento do MEC próximo à sua implantação.

Em uma instituição pública, o segundo curso surge somente 29 anos depois do curso da UFBA, na Universidade Estadual de Campinas, com a opção de bacharelado e licenciatura no ano de 1985, apesar de só ser reconhecida pelo MEC em 1992.

Até o ano de 2002 havia somente 10 graduações em dança no país, nas habilitações: bacharelado e licenciatura. Entre os anos de 2002 e 2012 o número de graduações passou de 30. Esse crescimento pode ser explicado igualmente pela implementação do REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras. Até o ano de 2015 havia 41 cursos de graduação em dança no país, 27 de licenciatura e 14 de bacharelado.

Os dados acima apresentados são do livro da Semana da Graduação em dança (2016). Abaixo segue uma tabela com os dados coletados neste livro sobre a distribuição dos cursos de graduação em dança, até o ano de 2015 (tabela 1). Como pode ser observado nessa tabela, até o ano de 2015 os cursos aconteciam em dezesseis instituições federais, cinco estaduais e nove particulares. Acrescentei na tabela 1 o curso de graduação em dança, implementado na cidade de Blumenau, Santa Catarina, na Furb – Universidade Regional de Blumenau, em 2017. Os estados da federação brasileira que ainda não têm um curso de graduação na área da dança são: Espírito Santo, Piauí, Maranhão, Tocantins, Rondônia, Amapá e Roraima.

Tabela 1 - Distribuição dos cursos de graduação em dança nas universidades do Brasil, no ano de 2015

UNIVERSIDADES FEDERAIS	UNIVERSIDADES ESTADUAIS	UNIVERSIDADES PARTICULARES
Universidade Federal da Bahia	Universidade Estadual de Campinas	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Federal do Pará	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul	Universidade Anhembi Morumbi
Universidade Federal de Pernambuco	Universidade Estadual do Amazonas	Faculdade Paulista de Artes
Universidade Federal de Alagoas	Universidade Estadual do Sul da Bahia	Universidade de Sorocaba
Universidade Federal de Sergipe	Faculdade de Artes do Paraná	Universidade Tijuçussu
Universidade Federal de Minas Gerais		Universidade Estácio de Sá
Universidade Federal do Rio Grande do Sul		Universidade Cândido Mendes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte		Faculdade Angel Vianna
Universidade Federal de Pelotas		Universidade Luterana do Brasil
Universidade Federal do Rio de Janeiro		Universidade Regional de Blumenau ¹
Instituto Federal de Brasília		
Universidade Federal de Goiás		
Universidade Federal de Uberlândia		
Universidade Federal de Viçosa		
Universidade Federal de Santa Maria		

¹ Apesar da FAP ser municipal está nessa coluna por ser um curso pago.

No capítulo que trata sobre os 30 anos do curso de graduação em dança na Unicamp, Gatti (2016) discute a importância de ambas as formações no curso de dança nessa instituição: bacharelado e licenciatura, embora o número de cursos voltados para a licenciatura ainda seja bem maior em relação ao bacharelado. Isso pode ser explicado pelo fato de que os cursos de licenciatura em dança sucederam a obrigatoriedade do ensino de dança nas escolas da rede básica. O Rio de Janeiro, por exemplo, exigiu, para a contratação de professores, a habilitação de licenciatura em dança.

O aumento da demanda por instituições superiores em dança no Brasil ocorreu, além da obrigatoriedade da disciplina de dança no ensino básico, também pelo “aquecimento da economia na produção cultural proporcionado pelas leis de incentivo culturais” (2016, p.34). O Ministério da cultura estima que 56% das cidades brasileiras possuem grupos de dança e que esse número irá aumentar para 73% em cerca de 5 anos.

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados estabelece como disciplinas obrigatórias as artes, entre essas estão incluídas as artes visuais, dança, música e o teatro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96 previa somente a disciplina de música como obrigatória nos conteúdos da área artística. No entanto, a lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016, determinou a implantação do ensino da dança nas escolas, como componente curricular, colocando o prazo de cinco anos para implantação do currículo, nas escolas de nível básico. Essa nova legislação reforçou o debate sobre a importância de uma licenciatura em dança, pública e gratuita.

Representando o estado de Santa Catarina, e fundadora do projeto por uma graduação em dança em SC, Sandra Meyer (2016), bailarina e professora no departamento de Teatro da Udesc, e principal nome na militância pelo curso de graduação em dança nessa instituição, escreve no livro “Graduação em dança no Brasil: o que será que será” um artigo, com o título “O que não pode mais deixar de ser: relatos indignados sobre a ex(in)clusão da dança no ensino superior em Santa Catarina”. A militância da graduação em dança em Santa Catarina está voltada para a proposta de uma licenciatura e defende igualmente a inserção da dança no currículo da rede básica de ensino.

1.1 HABILIDADES ESPERADAS E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO GRADUADO EM DANÇA - BACHARELADO E LICENCIATURA

Enquanto a licenciatura qualifica o profissional para o ensino e para outras ações pedagógicas que necessitam de metodologias específicas para o ensino docente, o bacharelado prepara para participação em espetáculos e outras atividades “práticas” da dança, como técnicas de dança, música, criação de composição coreográfica, entre outras. Ou seja, percebe-se nesse modelo uma divisão clássica entre licenciatura e bacharelado o qual propõe o bacharelado como atividades do que seriam comum a bailarinas e bailarinos tanto quanto a atividade prática. Enquanto a licenciatura teria como principal objetivo qualificar o profissional para o ensino:

O bacharelado em Dança prepara profissionais aptos a participar de espetáculos e a pesquisar novas linguagens na dança, com disciplinas práticas de Técnicas de Dança, Música, Composição e Coreografia, além das teóricas, como História, Crítica, Anatomia, Cinesiologia e Psicologia. A licenciatura em Dança qualifica o profissional para o ensino e, além das disciplinas com conteúdos de caráter artístico e criativo, enfatiza matérias específicas da área, como fundamentos da ação pedagógica, metodologias específicas e estágio docente (SILVA, 2016, p. 32).

A graduação em dança abrange princípios relacionados à performance corporal, linguagem corporal, e os aparatos para produção coreográfica em solo e em grupo com outros/as bailarinas/os; assim como os conhecimentos de didática para o ensino da dança, inclusive para abarcar as pessoas com deficiência.

Entre as habilidades principais esperadas na formação desse profissional, estão apontadas nas DCNs: o domínio dos princípios cinesiológicos relativos à *performance* corporal; o domínio da linguagem corporal quanto à interpretação coreográfica nos aspectos técnicos e criativos; os desempenhos indispensáveis à identificação, descrição, compreensão, análise e articulação dos elementos da composição coreográfica, sendo capaz de exercer essas funções em conjunto com outros profissionais; o reconhecimento e a análise

de estruturas metodológicas e domínios didáticos acerca do ensino da dança; e o domínio de habilidades indispensáveis ao trabalho da dança do portador de necessidades especiais, proporcionando a todos a prática e o exercício dessa forma de arte como expressão de vida. (SILVA, 2016, p. 32)

Por mais que as bailarinas e os bailarinos já tenham habilidades de dança, alcançadas através de experiências prévias, adquiridas com a sua prática, a formação de um profissional em dança pode ser enriquecida e ampliada pelo curso de graduação, além de legitimada. Pierre Bourdieu (1998) a relação entre o sistema de ensino e o sistema de produção reflete sobre como o sistema de ensino tornou-se instância dominante na produção de agentes, demandados pelo sistema econômico. Bourdieu ainda fala de um jogo entre o “diploma” e o “cargo”, no qual ambos têm que se adequar, no momento em que o diploma confere valor econômico, social e poder legítimo ao cargo. Sendo assim, ter um diploma de graduação no curso de dança é também um capital social, que legitima a dança como campo profissional e de docência, outorgando-lhe um poder coletivo, conforme exposto por Bourdieu, no trecho abaixo:

O poder conferido por um diploma não é pessoal, mas coletivo, uma vez que não se pode contestar o poder legítimo (os direitos) conferidos por um diploma ao seu portador, sem contestar, ao mesmo tempo, o poder de todos os portadores de diplomas e a autoridade do SE (sistema de ensino) que lhe dá garantia (BOURDIEU, 1998, p.136).

A relação candidato/vaga nos cursos de dança, em instituições públicas, pode ser mobilizada para investigar o interesse de estudantes neste curso. A Universidade Estadual de Campinas - Unicamp², por exemplo, teve, no vestibular 2018, uma relação de 11,4 alunos por vaga no curso de dança, número superior a muitos outros cursos da instituição. Na Universidade Federal da Bahia - UFBA³ o curso de licenciatura em dança teve um número aproximado ao da Unicamp, com 12 estudantes por vaga, e para o bacharelado, foram 18 candidatos por vaga. No Sul, o curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande

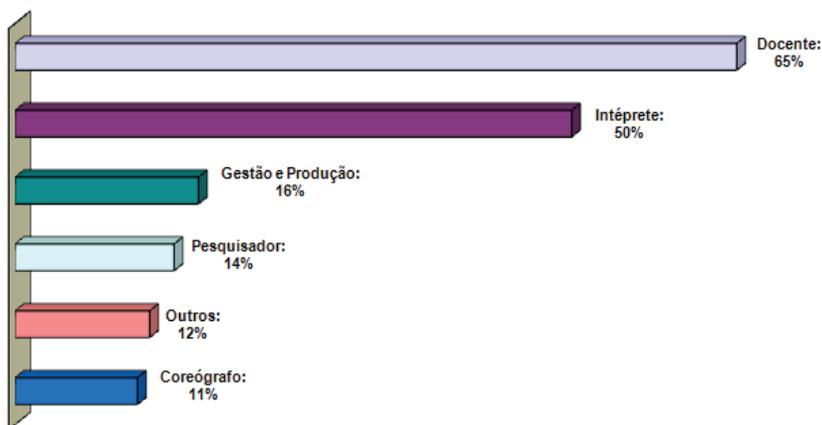
² <http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/relacao-candidatovaga-vestibular-2018/>

³ https://ingresso.ufba.br/sites/ingresso.ufba.br/files/lista_cursos_cotas_2018_sisu_semestre1.pdf

do Sul - UFRGS⁴ apresentou, em 2018, 5,2 candidatos por vaga. Os cursos da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS fazem parte do processo SISU - ENEM, e por isso não teve acesso à relação candidato/vaga dos últimos vestibulares. Entretanto, podemos estimar, a partir da relação candidato vaga da UFRGS, que não é pequena, e considerando haver mais três cursos de graduação em dança no Rio Grande do Sul, distribuídos em outras três universidades, que há grande interesse pelo curso de dança.

Há ainda pesquisas que apresentam elementos sobre a situação profissional de alunos graduados. A Universidade Estadual de Campinas compilou dados de alunos que se formaram até o ano de 2013, para saber a área de atuação dos profissionais graduados em dança, onde pode-se identificar a importância da docência como profissão, para o graduado em um curso de dança.

Figura 1 - Atuação profissional dos graduados em dança



Fonte: Unicamp

Apesar desta pesquisa apontar a docência como caminho mais escolhido, há outros estudos que demonstram que para os alunos do curso de graduação em dança a formação de professor (licenciatura) fica como segunda escolha, nos cursos em que há opção entre bacharelado e licenciatura, conforme coloca Márcia Strazzacapa (2003).

A docência surge como possibilidade de caminho principal para atuação do graduado em dança, uma vez que a LDB estipula

⁴ <http://www.ufrgs.br/vestibular/cv2018/densidade/>

obrigatoriedade do ensino de dança na educação básica, motivo pelo qual a luta pela habilitação em Santa Catarina na UDESC está voltada sobretudo ao ensino.

Meyer (2016) chama a atenção para o fato de que enquanto seus colegas debatem sobre a atual situação dos cursos implantados em seus estados, Santa Catarina ainda persiste na ausência da graduação em dança, e, nesse sentido, faz o chamado para que o tema seja debatido. Meyer destaca que há um projeto, elaborado por uma comissão, oficializada pela Portaria do Centro de Artes (Ceart) da Udesc n.º 60, no ano de 2009, que foi aprovado, nesse mesmo ano, no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, e também no Conselho Universitário da UDESC. Contudo, a universidade, nesse processo de tramitação, alegou que naquele ano já havia ultrapassado os 75% permitidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal para a contratação de técnicos e professores, previstos anualmente. Outra alegação por parte da instituição foi a de que sua situação financeira não permitiria a abertura de novos cursos. Meyer descreve que, desde então, vários esforços têm sido feitos para que o governo do estado aumente o repasse financeiro à UDESC, permitindo a implantação do curso, em Florianópolis e Joinville, cidades escolhidas devido à sua centralidade na dança.

O CEART-UDESC, em parceria com o Centro de Ciências Tecnológicas (CCT/UDESC) e o governo do estado, através de uma carta de intenções, fez promessas que não foram cumpridas até então. Outro ponto que Meyer coloca é que, apesar da conjuntura econômica estadual e nacional não ser favorável, existe uma falta de clareza quanto à dança como área de conhecimento, que garanta sua autonomia e centralidade enquanto campo de pesquisa, já que, em Santa Catarina, o CEART/UDESC oferece cursos de graduação em música, teatro e artes visuais desde a metade dos anos 1980.

Meyer fala da importância da profissionalização da dança no Estado, e de sua relevância, não só em relação a pesquisa, mas igualmente para a docência no ensino básico, que requer agora, além do ensino da música, também o da dança.

A profissionalização em nosso estado é incipiente, tendo em vista os milhares de jovens que frequentam eventos e escolas de dança formais e informais. É no âmbito pedagógico que se percebem as maiores lacunas e fragilidades, e faz-se urgente uma formação consistente para a estruturação do ensino ao ambiente escolar e fora dele. A grande parte dos professores que ensinam

na rede pública e privada em Santa Catarina, em sua maioria em projetos de cunho informal, não possui formação na área da dança. A discussão é oportuna no momento em que a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados aprovou, em caráter conclusivo, a proposta que estabelece a dança como disciplina obrigatória da educação básica. O texto altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9.394/96, que atualmente prevê a obrigatoriedade somente do ensino da música entre os conteúdos relacionados à área artística. (MEYER, 2016, p.61)

Campanhas publicitárias têm ressaltado a centralidade da dança em Santa Catarina, em chamadas como no Festival de Joinville, por outro lado, os eventos, escolas e grupos, apesar da importância “*não dão conta sozinhos de fomentar o mercado da dança e de propiciar profissionalização, tampouco de desenvolver pesquisa e ensino em dança.*” (2016, p.61). Através da fala de Meyer percebe-se que há uma dupla preocupação em relação a implantação do curso de dança em Santa Catarina: a profissionalização e a pesquisa. A profissionalização, conforme apresentado por Bourdieu (1998), é legitimada através do diploma, que confere o poder para ensinar frente a instâncias, como o ensino básico.

Bourdieu (2007) coloca como a universidade, enquanto sistema de ensino, é capaz de consagrar as artes por suas “sanções simbólicas” (p.119), ou seja, legitimá-las através de sua posição hierárquica no sistema. Essa legitimação está relacionada com a abertura de campo de trabalho e de pesquisa que a universidade, na qualidade de instância e campo intelectual confere.

CAPÍTULO 2 - GRADUAÇÃO EM DANÇA EM SANTA CATARINA

2.1 A TRAJETÓRIA EM PROL DA GRADUAÇÃO EM DANÇA NA UDESC

Sandra Meyer é bailarina há mais de 40 anos, com ênfase no Jazz, fez graduação em Educação artística na habilitação Artes plásticas na Universidade do Estado de Santa Catarina, mestrado em Comunicação e doutorado em Artes pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Antes de ser professora universitária, atuou em escolas de dança, dando aulas. Trabalhou como professora, no CEART-UDESC, desde 1989, até se aposentar, no final de 2016.

Em entrevista concedida para este trabalho, Sandra Meyer apresentou a trajetória de implantação do curso de dança na UDESC. Ela inicia a entrevista contando que a ideia de um curso de graduação em dança nessa instituição é antiga, e que em 1991 já havia sido criado uma portaria que circulou na universidade para implantação do curso. Segundo Meyer, foi possível trabalhar o projeto, tendo como base esta portaria, mas a universidade estava então em “um outro momento e acabou não indo para frente”. Em 1995 foi retomada a ideia do curso de dança, com os professores da época, mas como nesse momento estavam sendo iniciados os cursos de moda e design, a implantação do curso de dança foi postergada mais uma vez. Neste mesmo período o curso de artes cênicas também iniciava duas especializações, uma delas coordenada por Sandra Meyer. Ela conta que a Universidade estava se preparando para criar uma pós graduação em teatro, pois até então só havia a licenciatura em artes cênicas. Nesse sentido, em 2002 foi criado o mestrado em teatro, e em 2009 o doutorado em teatro. Enquanto isso, a implantação da graduação em dança foi sendo reiteradamente adiada.

Meyer acrescenta que a graduação em dança é um projeto pedagógico e político que depende do momento da universidade e de financiamento, principalmente por ser uma universidade pública e gratuita. Durante toda a conversa foi possível perceber que para Meyer, a falta de repasse financeiro à UDESC tem sido um empecilho para a implantação do curso de dança.

Em 2005 foi criada novamente uma portaria para a implantação do curso de dança, que foi aprovada no colegiado na UDESC, no entanto a questão do repasse financeiro não contribuiu novamente. Em 2009, foi escrito um novo projeto, por Sandra Meyer e os professores Milton de Andrade Leal Júnior, Marisa Napolini, Vera Regina Martins Collaço e

Andréa Bergallo Snizek, que tramitou na universidade e passou por várias instâncias, tendo recebido todo o apoio, porém o discurso da reitoria da UDESC fala de obstáculos no momento do repasse financeiro. Isso aconteceu porque, contando com a dança, eram nove novos cursos que estavam sendo cogitados, como o curso de direito no interior do estado. Meyer conta que eles estavam em um momento em que todos (se referindo a departamentos dentro da universidade) queriam um curso, mas não havia como repassar dinheiro, então o reitor “segurou” o projeto até que a universidade conseguisse o dinheiro novamente.

Fica claro a falta de vontade política em relação à implantação do curso. Analisar o ambiente político e os embates simbólicos em torno de quais são os cursos superiores considerados fundamentais no estado de Santa Catarina nos diferentes momentos das tentativas de implantação deste curso, não é o objetivo de pesquisa, mas fica como pista para trabalhos futuros.

Acredito que a disputa interna na universidade para conseguir repasse financeiro, também demonstra que há uma disputa simbólica pela construção da legitimidade dos cursos e dos próprios centros de pesquisa na instituição. Pois para conseguir implementar a graduação, é preciso justificar, fundamentar a relevância do curso em questão. Nesse sentido os cursos que querem ser implementados irão competir de acordo com a “urgência” que possuem enquanto campo científico. Essa “urgência” para implementar ocorre de acordo com o curso que é considerado o mais relevante. Sendo assim, pode-se refletir que durante esses anos outros cursos foram considerados mais relevantes frente ao curso de dança. Apesar da reitoria assegurar em suas falas sobre a importância da graduação em dança, na prática a não implementação demonstra o baixo valor simbólico concedido a essa área de conhecimento. O conceito de campo de Bourdieu é importante para refletir sobre essa disputa interna, ele define o “campo” enquanto um espaço de poder, campo de forças e de luta. Nesse espaço há disputa por controle e pela legitimação de bens produzidos. Nesse sentido, a universidade também se constitui como espaço de poder, no qual os agentes possuem interesses distintos e confrontam-se pelos seus interesses políticos, disputando legitimidade dentro do campo científico. No trecho abaixo Bourdieu ao definir o campo, fornece o exemplo do campo científico:

Todo o campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se num primeiro momento, descrever um espaço científico ou espaço religioso como um

modo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação. (BOURDIEU, 2004, p.22-23)

Meyer conta que desde 2009 foram realizadas várias iniciativas artísticas para que fosse possível implantar o curso. Em 2013, as pessoas responsáveis pelo festival de dança de Joinville apresentaram interesse em fazer a graduação em dança na cidade, perguntando se a UDESC de Joinville não poderia também implantar o curso. A partir desse momento o projeto de uma graduação em dança em Florianópolis expande-se para abarcar a cidade de Joinville. Meyer fala que a intenção de criar o curso de dança na UDESC em Florianópolis seria devido ao CEART ser o centro de excelência da UDESC em artes, mas que foi compreendido que Joinville tinha um apelo legítimo ante a sua importância como um polo de dança, por isso a cidade de Joinville foi também incluída como sede do curso de graduação em dança da UDESC. Além dos argumentos expostos anteriormente, Joinville contava com força política para a implantação do curso, e em 2013 houve vários encontros nesse sentido, quando, inclusive, o secretário de educação da época prometeu fornecer o dinheiro, promessa ainda não cumprida.

Durante a entrevista Meyer fala sobre a audiência pública na Assembleia Legislativa no dia 27 de março de 2018 que ainda não havia ocorrido e que posteriormente pude participar. Segundo Meyer, essa audiência vem com a finalidade de retomar as atividades da militância e sensibilizar os deputados para conseguir o aporte financeiro que precisa ser repassado a UDESC. O repasse financeiro necessário seria de 0.03% a mais, em relação ao orçamento da instituição, principalmente para a contratação de dezoito professores e dois técnicos, e a compra de livros, com uma quantia irrisória. Em relação aos demais custos com estrutura, sairia muito mais barato do que cursos que precisam de laboratórios e equipamentos, isso porque a UDESC já conta com a estrutura necessária, como, por exemplo, as salas específicas, conforme nos foi apresentado por Meyer.

Segundo Meyer, a instituição tem todo o aporte necessário, o curso já conta inclusive com a grade de disciplinas, que nesse momento teria que se adequar, de acordo com a mudança de algumas leis, principalmente relacionadas a mudança de carga horária.

Ela conta ainda que é difícil manter-se na militância o tempo todo e que por isso a trajetória teve alguns “respiros”. Agora quem está na linha de frente é a Aprodança - Associação dos Profissionais da Dança.

Fundada em setembro de 1985, pelos bailarinos Renée Wells e Marta Mansinho, a Aprodança é formada, desde então, por 180 profissionais, um coletivo composto por professores, artistas e pesquisadores que discutem assuntos pertinentes a arte catarinense. A Aprodança participa de discussões junto a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Conselho Estadual de Cultura (CEC) e Fundações Culturais do Estado. A Aprodança tem representatividade no estado há 35 anos, seu atual presidente Maxwell Sander disse por e-mail que as principais ações da associação são: descontos para os associados em festivais, oficinas e workshops de Dança em SC, apoio a Fóruns Regionais de Dança em SC; representação junto ao Conselho Estadual de Cultura; representação em Conselhos Municipais de Cultura; Representação no Colegiado Setorial de Dança; apoio ao Artista da dança contra o CREF – Conselho Regional de Educação Física; cursos, palestras e eventos de Dança em SC; fortalecimento do Dia Internacional da Dança – Eventos Estaduais; apoio aos grupos de dança na divulgação de espetáculos e festivais de dança; apoio para criação do Curso de Graduação em Dança na UDESC.

A Aprodança conseguiu marcar as audiências com os deputados no final de 2017 e em 27 de março de 2018⁵. Quanto a essa audiência de março, Meyer demonstra preocupação com o cenário da militância, no que se refere a necessidade de uma maior pressão dos bailarinos, de modo a formar um grande público nesta audiência da Assembleia Legislativa. Essa “pressão” é muito importante para o êxito da implantação do curso de graduação em dança na UDESC, pois mesmo que já haja um curso de dança em Santa Catarina, na FURB, ela ressalta que é fundamental um curso de dança em uma universidade pública e gratuita.

Conversamos a respeito da criação do curso na Universidade Regional de Blumenau - FURB e sobre os esforços também empenhados para a criação de um curso de dança na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Ela incentiva que eu entreviste uma professora e o coordenador da FURB, também responsáveis pela implantação do curso de dança. Comenta ainda que a criação do curso de Blumenau será importante para atender a região do Vale do Itajaí. Apesar de ser um curso pago, e não atender a demanda do estado por um curso gratuito, já é um avanço ter um curso de dança em Santa Catarina. A FURB é uma

⁵ Pude estar presente nessa audiência e descrevo um pouco dessa experiência no capítulo 3, no item 3.3.

universidade que conta com um centro de artes, no que se assemelha a UDESC, por ter estrutura física para abrigar o curso.

Meyer fala que hoje está em um outro momento da vida, e que se antes era “bandeira na frente”, “agora está junto”, porque está, trabalhando com a dança e circulando pelo estado com o espetáculo “Narrativas em dois corpos”. Ela ainda tem estado “junto” a Aprodança, participando de reuniões, mas reitera que é necessário que as pessoas da dança incorporem a luta, para que a lutem de fato. Porque não faz sentido ela estar “puxando”, se não é um projeto apenas dela, mas que envolve a dança como um todo, para todos os envolvidos.

Entretanto, ela mantém a esperança de que, assim que haja a verba, o curso estará no início da fila para a implantação.

A partir do momento que abrir a porta a gente vai estar lá na frente e berrando e com ganho de causa, porque é um curso que era o mais vocacionado, tem estrutura no centro, não tinha nenhum, era pioneiro, a área, a importância da dança, tudo leva a implantação. (MEYER, 2018)

Conversamos também sobre a trajetória do curso da UFBA, que foi criado em 1956, e somente depois de 30 anos foi implantado um outro curso de dança, em uma instituição pública.

Segundo Meyer, o fato do curso de dança, em universidades públicas e gratuitas, já ser forte em tantos outros estados, e em Santa Catarina nem mesmo existir, mostra um descaso, que vai além de somente uma questão de repasse financeiro. Meyer também conta que a própria imprensa anunciou e apoiou diversas vezes a implantação do curso de dança em matérias de jornais, ao fazer a denúncia de como “ainda não foi implantado o curso de dança na UDESC...”.

Apesar da UDESC não ter conseguido a implantação, Meyer diz que o reitor atual é muito próximo do projeto, e que na gestão passada, em 2013, quando quase conseguiram a implantação do curso, o reitor, que era vice reitor na época, acompanhou o processo de perto e esteve junto na Assembleia da educação. Ela conta que ele batalhou pela verba e que sempre pergunta sobre a implantação do curso. Tem, enfim, o interesse de implantar, está sensibilizado para a causa, mas não depende apenas da reitoria.

Quanto a proposta do curso, Meyer explica que é uma licenciatura pautada em um “olhar contemporâneo” para a dança, o que inclui não somente a dança contemporânea, mas também o trabalho com outras técnicas, pensadas num olhar contemporâneo.

Ele é uma licenciatura o curso, ele está pautado num olhar contemporâneo para a dança, não necessariamente só para a dança contemporânea, mas a gente entende que precisa trabalhar com outras técnicas, a tua técnica por exemplo, pensando num olhar contemporâneo. E não só a técnica da dança contemporânea, mas ela vai estar lá também. Tem as aulas técnicas, os processos de improvisação, composição, na verdade a intenção é formar um professor-artista. Que ele viva uma experiência artística e possa produzir conhecimento para ele e para também para ensinar outras pessoas. (MEYER, 2018)

Quando ela fala sobre o “olhar contemporâneo”, ela diz não se opor ao balé clássico, mas sim expor danças que ficaram marginalizadas ao serem comparadas ao balé clássico, como por exemplo, as danças presentes nas manifestações populares brasileiras. Há, de certa forma, uma disputa de campo, onde se percebe, analisando os currículos de algumas universidades, que o balé clássico está mais centralizado, enquanto que em outras, como na Unicamp, nota-se a presença da dança contemporânea como majoritária. Nesse sentido, há ainda a discussão do espaço que outras danças teriam em um curso de graduação em dança, como as danças urbanas, e as danças ditas “populares”, o que inclui as danças brasileiras, danças indianas, árabes, europeias, entre outras.

Utilizando o exemplo do curso de Artes Cênicas da UDESC, Meyer fala que, embora seja uma licenciatura, também há a preocupação com a formação do artista. Ela diz que na Dança a ideia é formar professores-artistas, que tenham uma percepção crítica do seu trabalho, da sua posição no mundo, como artistas e professores. A licenciatura na UDESC se proporia, dessa forma, a pensar a formação do professor, não como “uma coisa separada do fazer artístico”. Para atender a esse propósito, as disciplinas de metodologia seriam colocadas no início do curso, para que o estudante possa ter a compreensão de como “o fazer e o ensinar estão imbricados”. Meyer fala que mesmo que a pessoa não vá dar aula numa escola pública ou privada, o trabalho pedagógico está sempre envolvido, pois dirigir e coreografar, por exemplo, também são atividades pedagógicas. Isso ocorre porque é necessário “saber lidar com as pessoas”, ou seja, criar relações. Sendo assim, a intenção da proposta do curso é pensar uma “pedagogia como uma relação que constrói no fazer artístico”.

A maneira de pensar a licenciatura no curso de dança na UDESC vai ao encontro da trajetória da professora Sandra Meyer, que começou a dar aula aos 18 anos. Ela fala que muitos bailarinos/os que iniciam a trajetória na dança cedo também começam a lecionar ainda novos. Dando o exemplo de sua trajetória, ela explica que apesar de nunca ter feito um curso de licenciatura em dança, foi dar aula em academias na cidade, como acontece com muitas alunas que se destacam, e que se tornam professoras jovens. Ela, que nunca havia feito aula de composição coreográfica, começou a coreografar. Meyer utiliza esse exemplo para ilustrar que também é esse público que pretendem abarcar, o de alunas/os que adquirem a experiência pedagógica dando aulas em academias e escolas de danças.

Ela explica, no entanto, que a ideia é também a de formar pessoas que vão trabalhar com curadoria em festivais, que vão escrever sobre dança, fazer crítica, escrever sobre história da dança, ou seja, não necessariamente todas vão dançar, coreografar ou dar aula. São diferentes funções que se pode desenvolver com a dança, e que as experiências alcançadas com as disciplinas pedagógicas irão contribuir. Em seguida ela explica que a ideia do curso é criar uma “cultura de dança”, do dançar ao ensinar.

A ideia é formar gente que vai trabalhar com curadoria em festival, que vai escrever sobre dança, fazer crítica, escrever sobre história da dança, não necessariamente todos vão dançar, ou coreografar, ou dar aula a gente tem as funções que gravitam em torno da dança que às vezes você vai ser um programador do festival de dança, vai criar um festival próprio, vai trabalhar numa fundação de cultura em dança então é bem variado. A ideia do curso é criar uma “cultura de dança” também que vai do dançar ao ensinar, a coreografar, gerir dança também, gerenciar coisas de dança. A gente tem também o exemplo do teatro ali da UDESC, de alunos que virou iluminador, não virou ator, o outro é crítico, o outro é funcionário da fundação Franklin Cascaes. (MEYER, 2018)

O conceito de “cultura” na antropologia tem diversas definições, passando por questionamentos, da mesma maneira que outros conceitos, tais como o de “indivíduo” e de “sociedade”. A antropóloga Marilyn Strathern (2014) propõe que ao invés de trabalhar com conceitos macro, como o de “cultura” e de “sociedade”, compreenda-se como as relações

acontecem na prática, pois tais conceitos podem criar dualidades e apagar essas relações. Entretanto, nesse trecho da entrevista, Meyer utiliza o conceito de “cultura” para falar sobre a importância de fortalecer a dança, e principalmente a profissão da dança, a partir da implantação da licenciatura em Dança.

Segundo Meyer, sabe-se que outra questão a ser trabalhada, quando o curso de Dança for implantado na UDESC, será a inserção desses professores nas escolas, uma vez que as secretarias de educação, tanto municipais quanto estaduais, ainda estão procurando e creditando valor a um professor que sabe um pouco de cada coisa, “aquele professor generalista”.

Meyer critica essa concepção generalista de professor, dizendo que existe incongruência entre a formação ideal de um professor de dança para o ensino básico e aquela que o estado almeja, porque é mais “barato” contratar um professor que pode exercer diferentes funções. A legislação estadual sobre o assunto no Artigo 5º, da Lei nº 1.139/92, estabelece que os professores podem dar aulas em áreas afins às suas. Mas nesse caso, Meyer parece se referir também a situações onde professores de outras áreas assumem o ensino de Artes. Sandra diz que apesar de estar sendo inserida no currículo, que nem todas as escolas têm o interesse real da dança dentro do currículo como algo que seja um conhecimento de fato e não apenas como uma distração para as crianças.

Enquanto o curso não é implantado, Meyer conta que a dança está inserida transversalmente na UDESC há muito tempo. Apenas no curso de Artes Cênicas existem seis disciplinas de dança no corpo do curso, duas de técnica da dança, três de técnicas corporais e uma de metodologia da dança. A dança estar inserida no curso de Artes Cênicas faz com que vários alunos desse curso sigam a carreira de dançarino, posteriormente, dançando em festivais e atuando em academias pela cidade. Em 1999 foi criada uma especialização *lato sensu* em dança na UDESC, que durou três edições e trouxe pessoas de vários lugares do país. Essa especialização foi importante para criar o campo da dança na UDESC.

Outro ponto colocado por Meyer, é que agora a UFSC também está criando um campo na área da dança, desenvolvendo atividades, tais como o “Café com dança” e a “Semana da dança”, que contaram com debates, apresentações, incluindo o espetáculo *Narrativas em dois corpos*. Essas ações são importantes para criar o campo da dança na UFSC e dar sustentabilidade a militância pela criação de um curso de dança numa instituição pública e gratuita. Apesar da estrutura e dos 20 anos de espera pelo curso de Dança na UDESC, fica nítida, durante a conversa, a expectativa e o desejo de que o curso de Dança aconteça em uma

instituição gratuita no estado, seja na UDESC ou na UFSC, apesar do histórico de engajamento da UDESC ser mais longo.

Tive acesso ao projeto do curso de Dança da UDESC através da professora Sandra Meyer. Ele foi criado em 2009, com base na portaria de 2005, e teve como comissão os professores Sandra Meyer Nunes, Milton de Andrade Leal Júnior, Marisa Napolini, Vera Regina Martins Collaço e Andréa Bergallo Snizek, tendo como presidência a professora Sandra Meyer. O curso, naquele momento, teria 3.402 horas e seria composto por 8 fases, e o semestre previsto para a implantação seria em 2010. A estrutura curricular seria composta pelas disciplinas que estão em anexo, e conforme aponta Meyer, na entrevista, percebe-se, logo no primeiro semestre, que o curso contará com disciplinas de Danças brasileiras, desde sua tradição à contemporaneidade. Na primeira fase serão oferecidas as disciplinas de Estudos do Corpo I: Arte, Ciência e Filosofia, Processos de Criação: Improvisação e Composição I, Som e Movimento I, Anatomia para o Movimento I, Técnicas de Dança I, Danças Brasileiras: Tradição e Contemporaneidade I.

No projeto, além da grade curricular, também está prevista a estrutura curricular, com base em uma fundamentação teórica. Logo no começo da estrutura curricular, a primeira característica que aparece no curso de Licenciatura em Dança é a interdisciplinaridade, assim como a articulação entre teoria e prática. Baseando-se em autores como Edgar Morin (2002).

O curso de Licenciatura em Dança se caracteriza por sua interdisciplinaridade e por um investimento na articulação entre teoria e prática. O conhecimento pertinente, como afirma Edgar Morin (2002), é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto, posto que um dos problemas mais graves do ensino, hoje, são os efeitos da compartimentação dos saberes e a incapacidade de articulá-los. A disciplina é uma categoria organizada que tende a delimitação de fronteiras nas suas técnicas e linguagens específicas, utilizando-se de teorias que lhe são próprias. Ela tende a isolar o objeto de suas relações com o universo o qual faz parte. O caminho, como aponta Morin, “não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento” (MORIN, 2002, p.25).

Ainda no projeto, a licenciatura em dança é justificada, pelo fato de que nas universidades que possuem o bacharelado em dança muitos dos formados voltam para completar a sua formação em licenciatura, devido à exigência da licenciatura para a atuação nas redes de ensino básico. Além disso, o projeto coloca a ênfase da formação docente, aliada a vivência artística, para que o estudante tenha “uma atuação docente mais plena”, pois entende que a prática da docência deve ser construída a partir da vivência do fazer artístico. Nesse sentido, conforme colocado abaixo no projeto de curso de graduação em dança da UDESC a concepção de professor-artista requer que o trabalho pedagógico e artístico sejam articulados.

A ênfase na formação de um professor/artista propicia a emergência de um tipo de profissional que alia habilidades como conhecedor das linguagens artísticas à capacidade de nelas intervir também no papel de criador. A articulação entre teoria e prática considerando uma visão histórica e crítica propiciará a formação de um profissional capaz de atuar também como historiador, crítico, gestor e organizador de atividades relacionadas à dança.(2009,p.3)

Dalma Nunes (2016), em sua dissertação, coloca a importância de não dissociar práticas artísticas das práticas docentes, pois são inúmeras as possibilidades de constituição do profissional no curso de graduação em dança. Propõe pensar também a própria prática docente como um fazer artístico, enquanto ação criadora, realizada na experiência do processo de ensino aprendizagem, e da articulação de saberes pedagógicos-artísticos com os estudantes. O artista-professor é algo que não está dissociado, assim como a prática e a teoria não podem ser dicotomias. O artista-professor precisa desenvolver processos e métodos-didáticos pedagógicos que por si só já são estratégias artísticas, na medida em que precisa entrecruzar seu conhecimento artístico com a experiência da docência, ele já está criando novas possibilidades, enquanto arte, e outras formas de criação em dança.

2.2 A IMPLANTAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM DANÇA NA FURB

A entrevista com Marco Aurélio da Cruz Souza ocorreu após a indicação de Sandra Meyer, que sugeriu que Marco seria uma pessoa importante para conversar devido a sua trajetória implantando e coordenando o primeiro curso de dança no estado desde 2017. É

fundamental destacar que ambos são amigos e estão juntos em diferentes eventos de dança, inclusive Meyer apoiou a implantação do curso de dança na FURB, assim como Souza vem apoiando a implantação do curso na UDESC.

No dia 10 de março de 2018 entrevistei o professor Marco Aurélio da Cruz Souza, coordenador do curso de Licenciatura em dança na FURB. Souza é graduado em educação física na FURB, possui mestrado em dança na Universidade Técnica de Lisboa e está fazendo o doutorado em dança pela mesma instituição. É bailarino e coreógrafo, e sua área de pesquisa e especialização concentra-se em danças folclóricas. Na entrevista ele contou como foi a implantação do curso nessa instituição.

Segundo Souza, a ideia de fazer o curso na FURB já era bastante antiga, entretanto, eles esperaram para ver se o curso era implantado na UDESC, para que o curso fosse em uma universidade pública e gratuita. Como o curso na UDESC não foi implantado, e percebendo que não o seria naquele momento, o reitor atual da FURB chamou Souza e a diretora do centro de artes para conversar, pois uma vez que já havia naquela universidade outras linguagens artísticas, a música, as artes visuais, o teatro, sentiam necessidade do curso da dança. Ele diz que nesse momento sentiu uma euforia muito grande, por acreditar na importância da formação do profissional em dança. Então, o reitor e a diretora do centro de artes criaram uma comissão, integrada por Souza e mais quatro pessoas que começaram a escrever o projeto. Inicialmente, eles não pensavam que o curso fosse acontecer tão rápido, mesmo porque, além do projeto, teriam que pensar o currículo e seus componentes. O curso foi formatado dentro das novas diretrizes da resolução CNE/CP nº2/2015 para as licenciaturas, onde é exigida, inclusive, uma carga horária maior para os cursos de licenciatura, de modo a que o curso atendesse a essa resolução. Em sete meses o projeto estava pronto, mas ainda precisava passar pelo Conselho de Ensino - CEP da universidade, que verifica a adequação do novo curso à regulamentação nacional, e depois pelo CONSUNI- Conselho Universitário para avaliação da viabilidade financeira. O reitor, reconhecendo a importância do curso de dança para a FURB, agilizou todo o processo, para que o início do curso se desse com a maior brevidade possível.

Com o início do curso, a sua primeira turma era formada por pessoas com uma vida profissional em dança, outros já tinham, até mesmo, mestrado em outras áreas, e houve pessoas que largaram suas profissões para fazer dança. A segunda turma foi composta, em sua maioria, por pessoas mais jovens, que já faziam dança, e que saíram do ensino médio há pouco tempo. Somando as duas turmas, a instituição tem

um total de 29 alunos/as, que são das áreas da dança moderna, jazz, contemporâneo e balé clássico.

Souza conta que o objetivo da licenciatura é formar um professor/artista/, relacionando a dimensão teórica e prática. O projeto foi editado de modo que essas três características se relacionem o tempo todo. Os componentes curriculares terão parte prática, de onde as discussões teóricas vão surgir. Além disso, como a concepção de festival no estado é muito forte, e as produções artísticas ainda são feitas de acordo com a lógica dos festivais, o curso de graduação em dança também se preocupa em fazer com que os estudantes pesquisem novas possibilidades e formas de movimento. Segundo Souza, é desse modo que as três áreas estarão dialogando e se desenvolvendo: o ser professor, o ser artista e o ser pesquisador.

Os professores contratados para lecionar as matérias específicas da dança passaram por um processo seletivo, são professores que não necessariamente fizeram a graduação em dança, mas que realizaram o mestrado e o doutorado em dança. Esse é o caso de Souza, que fez sua graduação em educação física, e o seu mestrado e doutorado em dança, na Europa, sendo professor de danças folclóricas na FURB, sua área de estudo, na pós-graduação.

Sobre a importância de uma graduação em dança, Souza diz que há duas coisas que precisam ser levadas em consideração. A primeira é que, meses antes da ex presidente Dilma ser tirada de seu cargo, em maio de 2016, foi aprovada uma alteração na LDB, a qual estipulou um prazo de cinco anos para que as escolas incluam, no ensino básico, também a dança em seus currículos, ao lado do teatro e das artes visuais, uma vez que antes só a música era prescrita. Souza nos pede para imaginar o que acontecerá se não houver nenhuma formação superior em dança: como essa linguagem entraria nas escolas? Pois, sem a formação necessária, ou ela entraria de maneira equivocada, ou não entraria. Esse fato expande a importância da formação em dança, no ensino superior, ante uma demanda, que será enorme, ao final do prazo de cinco anos, para atender ao previsto em lei.

O segundo elemento a considerar, destacado por Souza, ainda quanto à importância de uma graduação em dança, é a necessidade de superar a ideia de que a dança é somente festival de dança, e fortalecer as outras inúmeras possibilidades existentes. Não que a competição não seja importante, ele dá exemplos de muitos alunos da FURB que trabalham com a dança, principalmente visando competições, em suas respectivas academias e escolas de dança. E ele também sabe que hoje, no estado, um profissional de dança é considerado bom, segundo o que ele ganha nos

festivais. Esse ponto, segundo Souza, é um dos desafios que é preciso superar no universo da dança.

De acordo com ele, nem todos que tem a percepção da importância de estudar a dança, alguns acreditam que fazer dança é o suficiente. Como entretenimento somente a prática da dança poderia ser aceitável, mas para quem quer ser um profissional da dança, estudar é fundamental. É por isso, afirma Souza, que o projeto da FURB coloca as três áreas em articulação, com igual importância, por todo o tempo da graduação, desde a primeira fase até a oitava: o ser professor, ser pesquisador e ser artista, a articulação entre teoria e prática.

Compreendendo a prática no âmbito acadêmico, e também a pesquisa, os PCC's (Prática Componente Curricular) impulsionam, desde a primeira fase, os estudantes para outros espaços, além da sala de aula. Nesse sentido, o estágio é um lugar de suma relevância para pensar e experimentar a prática enquanto pesquisa, no qual os estudantes vão a escolas de educação infantil, fundamental e médio, e também a espaços não formais de educação, como as academias e as ONG's. São 400 horas, dedicadas ao trabalho de campo, para a criação de espetáculos, assim como de idas a espaços no qual podem apresentar e ensinar suas pesquisas e práticas. Desse modo, ao final do curso eles puderam vivenciar uma experiência prática curricular, para além das escolas regulares.

A dimensão da prática surge em outras falas de Souza, no tocante à própria implantação da graduação em dança no estado, quando ele se refere à importância das pessoas da dança se mobilizarem em prol de uma graduação que seja pública e gratuita. Ressaltando a importância de um curso que seja gratuito, ele fala que é "importante o pessoal pegar junto", referindo-se às ações, como a assembleia do dia 27 de março, no qual foi cobrado dos deputados uma resposta referente a implantação do curso na UDESC.

Souza, que está em diálogo com outras bailarinas/os que reivindicam esse curso, comenta sobre a conversa que teve em uma mesa sobre a graduação em dança na UDESC, na qual falaram sobre o lançamento de um curso técnico em dança em Joinville. Apesar de não ter dinheiro para uma graduação, houve o financiamento para mais um curso técnico, mesmo que em Joinville já houvesse três cursos técnicos em dança para nível médio. Embora o técnico em dança seja um curso mais rápido, é preciso questionar se é apenas por dificuldades no financiamento que a graduação não é implantada, e quais interesses políticos podem estar envolvidos para que apenas o curso técnico seja instituído. É necessário também refletir sobre a visão que os próprios atores que ocupam cargos

no governo do estado de Santa Catarina tem sobre a dança, que dissocia a prática da dança da pesquisa.

Aqui surge novamente a questão dos interesses políticos por trás da implementação do curso de dança. Os bailarinos que reivindicam o curso percebem, e isso irá surgir posteriormente na reunião da Alesc-Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina - que pude presenciar, que há uma falta de interesse político que vai além do repasse financeiro. Um curso técnico de dança é facilmente implementado sem a discussão com aqueles que pedem a implantação da graduação de dança, sendo realizado silenciosamente para não gerar protestos. O que torna evidente que há uma disputa política com os bailarinos que reivindicam a graduação em dança. De um lado há aqueles que compreendem a importância da graduação de dança, e do lado do governo há outros interesses políticos que fazem com que diversos cursos técnicos em dança sejam implementados enquanto um curso de graduação não.

Nesse sentido, é importante retomar o que Meyer está querendo nos dizer sobre a importância de fortalecer uma “cultura da dança”, e sobre a importância da prática no aprendizado, como também foi proposto por Souza, para refletir sobre as divisões clássicas entre mente/corpo, ainda incorporadas em uma lógica de pensamento que não compreende a importância da movimentação e do corpo enquanto ciência. Jean Lave (2015), para compreender aprendizagem, propõe pensar a “aprendizagem na prática” e critica as abordagens cognitivas da aprendizagem que elaboram divisões entre mente e corpo. Essas divisões são problemáticas, sobretudo porque o corpo fica colocado em segundo plano, como produto da mente. A dimensão do “como” fazer, no aprendizado, é colocada em primeiro plano por Jean Lave, que reflete que a aprendizagem não ocorre somente no que conhecemos como contextos educacionais. A autora enfatiza a centralidade do corpo, ao defender que o aprendizado é corporificado ao estar em movimento com os diferentes contextos e fluxos das experiências cotidianas.

O aprendizado não é um processo exclusivamente da mente, mas em primeiro lugar é vivenciado em nossos corpos. Dessa forma, falar sobre a concepção do professor/artista, conforme proposto por Meyer e Souza, é possível também a partir da não separação corpo/mente. Ser bailarino e ser professor é algo que está sempre em movimento, pois o aprendizado que é vivenciado no corpo também é compartilhado com os alunos, nos palcos e nos diferentes contextos.

Sobre um aprendizado que é vivenciado no corpo, é possível ainda refletir em relação a “inculcação” de capital cultural, como algo que se faz no corpo. Bourdieu (1998) fala de três estados do capital: estado

incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado. No estado incorporado o capital cultural está ligado ao corpo, ou seja, ele é corporificado, faz parte do organismo e a acumulação desse capital ocorre intrinsecamente no corpo. Segundo Bourdieu “O capital cultural é um ter que se tornou ser uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus”. (p.74)

CAPÍTULO 3 - MILITÂNCIA COM DANÇA

3.1 “GRADUAÇÃO EM DANÇA JÁ”

No ano de 2015 o dossiê “Semana graduação em dança já”, dossiê da mobilização dos profissionais da dança em Florianópolis, em prol da graduação em dança da UDESC, nas cidades de Florianópolis e Joinville, é assinado e divulgado pelos profissionais de dança e de diferentes associações. Além de contextualizar o cenário em que o projeto está situado, incluindo o cancelamento da implementação que havia sido prometida em 2013, o dossiê contém também as ações artísticas realizadas por profissionais em prol do curso, conhecida como “Graduação em dança já”, que ocorreram do dia 8 a 15 de agosto de 2014, em Florianópolis.

O dossiê escrito para ser entregue ao governo do estado, começa com uma carta do ano de 2014, endereçada ao secretário de Estado da Educação Eduardo Deschamps, na qual, relata-se a situação da graduação, incluindo o projeto e as ações do “Graduação em dança já”, que teve em sua programação aulas, ensaios e apresentações de danças gratuitas em diferentes regiões da cidade, mobilizados por diferentes alas de profissionais da dança do estado. Bailarinas e professoras da UDESC estenderam o convite aos profissionais de escolas de danças de Florianópolis, e a programação incluiu aulas e apresentações de balé, dança contemporânea, danças de salão, hip hop, dança do ventre, e a Dança Tribal, que eu pesquiso e pratico.

Figura 2- Intervenções da Semana da Graduação em dança já em Florianópolis



Fonte: Dossiê da Semana da Graduação em dança já em Florianópolis, 2014.

Conforme delineado no dossiê, em Florianópolis, o CEART - UDESC tem estrutura e profissionais para que o curso seja implementado,

e já conta com amplas pesquisas na área da dança, no programa de teatro e artes cênicas da pós graduação do CEART. Apesar de conter outros cursos, como música, artes visuais, teatro, moda e design, a dança é o único setor da arte que está prevista no Projeto Pedagógico do Centro de Artes (2009) que ainda não foi contemplado no CEART. O dossiê reúne as diferentes motivações para a sua criação, como a notícia da quebra do acordo de que a graduação seria implementada em 2014, e as chamadas da comunidade artística do estado para as ações do “Graduação em dança já”. Essas notícias culminaram na programação da “Semana da Graduação em dança já”, a qual contou com aulas, apresentações e performances coletivas.

O histórico de engajamento pelo curso de graduação em dança ocorre não só através de projetos, como o de 2005, pela graduação na UDESC, mas também através da arte. As ações de mobilização pelo curso de graduação em dança se constituem como “arte engajada”, por meio de performances que reivindicam o direito ao estudo de dança gratuito no estado de Santa Catarina. Existem grandes escolas e festivais de dança no estado, como o Bolshoi e o Festival de dança em Joinville, entretanto a implementação de uma licenciatura em dança, em uma universidade pública e gratuita, está relacionada com a preocupação do campo com ênfase na docência e no reconhecimento da dança como profissão.

As ações do “Graduação em dança já” colocam essa questão por meio de atividades artísticas que são realizadas por um movimento de bailarinas/os que ocupa praças e expressa sua indignação pela falta de uma política pública que inclua a arte como ciência, e pela ausência da valorização do profissional da dança. Dessa forma, conforme Paulo Raposo reflete em artigo (2014), é com a participação coletiva, colaborativa e de uma vivência performativa de espaço público que movimentos sociais expressam com arte os diferentes processos de exclusão e invisibilidade, que nesse caso, está direcionada ao descaso com o projeto de graduação em dança no estado de Santa Catarina. É possível pensar as ações do “Graduação em dança já”, como uma arte engajada, a partir de narrativas performáticas, que traz a graduação em licenciatura em dança como uma de suas pretensões, e reivindicam formas de ocupar o espaço público: praças, pontos turísticos estratégicos, e a própria universidade, fazendo política com arte.

Para pensar tal complexidade entre experiência política e artística, também é importante colocar a importância da noção de “ocupação”, fundamental para analisarmos as intervenções artísticas que ocupam os espaços públicos com arte e pela arte que se apresentam como atos políticos. A primeira via, assistindo as apresentações artísticas, elas

podem não parecer uma intervenção política, entretanto, é ocupando os espaços públicos que a arte emerge para fazer denúncias de cunho social e político. Essas ocupações do espaço público, realizadas com arte, são ações coletivas mobilizadas por uma militância de bailarinos/as de diferentes áreas, que deixam as rivalidades do campo artístico por uma causa em comum: a valorização da dança e sua consolidação na educação em Santa Catarina, nas universidades e conseqüentemente no ensino básico.

Na antropologia, um autor contemporâneo que utiliza a palavra “engajamento”, mobilizando assim em torno de sua teoria ecológica é Tim Ingold (2013). Ingold coloca a questão da prática e do engajamento do antropólogo como fundamental, sendo assim, o antropólogo no processo etnográfico também está engajado nessas situações, ele faz junto, está imerso nessa experiência, para posteriormente descrever como acontece. Percebe-se nas mobilizações voltadas para a implantação do curso de dança na UDESC que as ações de engajamento ocorrem não só em reuniões que são convocadas para discussão da emergência do curso, de projetos e documentos, mas também fazem parte do corpo do bailarino que dança reivindicando o curso. O conceito de engajamento proposto por Ingold é o que ocorre também através das práticas corporais, e que correspondem dessa maneira com os processos burocráticos feitos para que o curso seja implantado.

Na antropologia da dança, a dimensão do aprendizado é fundamental. Ao tratar sobre a implantação do ensino da dança em uma universidade pública e gratuita, em Santa Catarina, estamos falando também sobre a importância do ensino para a compreensão de como se dança, se ensina, passa a dança adiante. Autores como Franz Boas (1955), já no início do século XX, ressaltava a relevância do aprendizado das artes, incluindo a dança para descrição e compreensão dela no campo antropológico. Posteriormente o antropólogo Marcel Mauss, foi fundamental ao colocar a importância do aprendizado das técnicas corporais, nesse sentido, técnicas consideradas mais simples, tais como correr, andar, nadar são, na verdade, técnicas que são aprendidas e transmitidas através de gerações, e as maneiras de realizar essas técnicas diferem dentro dos diferentes contextos. Da mesma maneira, venho compreendendo no campo dança, a importância do aprendizado das técnicas para o entendimento de como se dança, e principalmente de como se ensina essa dança.

Quando falamos sobre o estudante ingresso em uma graduação em dança, falamos de pessoas que já são bailarinos/as e que possuem as técnicas corporais de diferentes danças, desde os gêneros mais

conceituados, tais como o balé e a dança contemporânea, que tem recebido espaço especial nas graduações em dança. Dessa forma, o bailarino/a que procura ingressar numa graduação em dança procura sua profissionalização e reconhecimento, que as outras formações ainda não fornecem, como a universidade.

Ainda sobre as técnicas corporais, os/as bailarinas que protestam com dança possuem essas técnicas, e ao compartilhar esses saberes em sala de aula nos aulões gratuitos, como o do evento da Semana do Graduação em dança, transmitem suas técnicas corporais em prol de uma ação política e de seus interesses em propagar o conhecimento da dança para outras instâncias, além das não formais.

3.2 SEMANA DA DANÇA NA UFSC: “GRADUAÇÃO EM DANÇA JÁ” NO ESPETÁCULO “NARRATIVAS EM DOIS CORPOS”

Além das ações da “Semana da Graduação em Dança já”, venho observando outras iniciativas performáticas, que reivindicam o curso de graduação em dança, feitas por profissionais que estão envolvidos na execução do projeto e nas ações da Semana do Graduação em Dança já, como no espetáculo da bailarina Sandra Meyer. Na “Semana da Dança”, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em 2017, foi apresentado o espetáculo “Narrativas em dois corpos”⁶ produzido e atuado por duas bailarinas, sendo uma delas a professora Sandra Meyer da UDESC. No espetáculo, as bailarinas narram suas histórias, e ao terminar de contar sua trajetória, Sandra Meyer, finaliza o texto falando sobre sua militância pelo curso de graduação em dança em Santa Catarina. Nesse momento, as pessoas, que estão na plateia, aplaudem e falam: “graduação em dança já”. Antes do espetáculo, o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina – Luiz Carlos Cancellier encerrou, o que seria a última apresentação da “Semana da dança”, prometendo que a Universidade Federal de Santa Catarina terá um curso de graduação em dança.

⁶ Alguns trechos disponíveis no link: <https://vimeo.com/212736573>

Figura 2 - Bailarinas narram as suas histórias



Fonte: Espetáculo Narrativas em Dois Corpos, 2017

As trajetórias da bailarina e professora Sandra Meyer trazem um histórico de engajamento através do fazer artístico, que vão além das ações trazidas no dossiê “Graduação em dança já”, estendendo-se em performances como “Narrativas em dois corpos” no qual ela divide o palco com a bailarina Diana Gilardengh, que é argentina e possui mais de 40 anos de experiência com a dança. O espetáculo busca, a partir de dois corpos, conectar histórias de amizade, aprendizado e trajetórias de vidas. Por meio dessas narrativas é possível observar um histórico de militância que faz parte do corpo que dança. As bailarinas, no começo do espetáculo, fazem aquecimento e movimentações como seriam feitas numa sala de aula; durante, elas intercalam as movimentações com as falas; até o momento final do espetáculo, onde narram em oralidade a história uma da outra, contando como suas trajetórias se cruzam na dança e na amizade. A trajetória de militância pelo graduação em dança é vivenciada quando Sandra conta sua história reivindicando esse curso, mas é com dança que o espetáculo encerra, com os corpos de Sandra e Diana se conectando.

As ações de intervenção do “Graduação em dança já”, que foram voltadas para a implementação do projeto, não estão desconectadas do espetáculo “Narrativas em dois corpos”. Com espetáculos como esses, que contam histórias de vidas das duas bailarinas, é possível falar de trajetórias, tendo como base narrativas que não são somente orais, mas também corpóreas. Por isso, é possível conectar as trajetórias narradas através do corpo que dança, e as narrativas orais, com as iniciativas do “Graduação em dança já”. O engajamento em manifestações artísticas, em prol da implementação do projeto do curso de graduação em dança, é possível por meio de uma série de experiências que são vividas ao longo de uma trajetória. Essa trajetória que também é política, é expressada no

espetáculo “Narrativas em dois Corpos”, o qual conta a saga da bailarina e sua luta para dançar, e poder viver disso.

As políticas culturais estão vinculadas a diferentes trajetórias e maneiras de se relacionar com a dança, a peça e sua narrativa conta as histórias traçadas por essas bailarinas, mostrando a indissociabilidade entre a arte e a militância.

Essas intervenções do movimento “Graduação em dança já” podem ser analisadas sob a ótica do conceito “ativismo”, conforme proposto pela autora Diana Tylor (2012). Encaixa-se nesse termo, pois as ações estão situadas, como a autora coloca, entre a experiência política e a experiência estética. Apesar de nesse texto a autora estar falando de outros contextos, nos quais intervenções artísticas surgem com protestos políticos, o termo ativismo para falar das ações do “Graduação em Dança já” são importantes, pois são intervenções que não estão somente no plano artístico, ou somente no ativismo e na política, mas que une arte, ativismo, estética e política. O conceito de ativismo une diferentes intersecções, de uma arte feita a partir de um ativismo que está situado na trajetória em prol da implementação de uma política pública voltada à educação e a arte.

As ações artísticas tanto pelo movimento “Graduação em dança já”, como em performance por militantes que reivindicam a licenciatura em dança, são experiências coletivas que não podem ser contidas por fronteiras convencionais políticas, conforme coloca Julia Ruiz Di Giovanni (2015), isso porque existe certo senso comum de que os movimentos sociais seguem um padrão, que não se encaixa nas manifestações artísticas como forma de reivindicação política e movimento social. As intervenções do “Graduação em Dança Já” e do espetáculo “Narrativas em Dois Corpos” se constituem como práticas experimentais artísticas que vão de encontro a dimensão da vida social relacionada com a vivência e trajetória de bailarinas/os, que querem consolidar a dança, seja por uma preocupação com a legitimidade científica, a formação de docentes de dança a fins de ensinar em escolas públicas, ou pela valorização do profissional da dança.

Neste cenário, a emergência do termo ativismo, como categoria analítica, marca um interesse, político e teórico, em formas de ação coletiva cujo efeito e possíveis interpretações não se esgotam na taxonomia da provável orientação ideológica dos participantes, nem na possível funcionalidade que possam cumprir no jogos político-eleitorais e midiáticos das democracias representativas, cuja

explicação não termina na identificação dos fatores contextuais, históricos ou socioeconômicos que fomentaram sua erupção. Por um lado trata-se de formas histórica e simbolicamente associadas ao ativismo, ao protesto, a irrupção de processos coletivos de auto-organização, denúncia e reivindicação de direitos, acirrados em momentos de crise econômica e social, que mesmo quando relativamente autônomos em relação às estruturas organizativas e instituições precedentes (partidos, sindicatos, movimentos setoriais), mobilizam recursos e repertórios próprios do campo de relações que nos acostumamos a chamar de política. (DI GIOVANNI, 2015, p. 14)

No artigo de Di Giovanni, ela discute que o desafio do ativismo artístico está em que ele não pode ser analisado somente pelas questões políticas, ou pelo critério da natureza artística, mas que é uma categoria que ultrapassa convenções, justamente pela complexidade da trama política e artística traçada ao redor dessas intervenções artísticas. O dossiê de mobilização dos profissionais da dança traz dessa forma, o exemplo de uma trama composta por diferentes agentes, motivações e trajetórias políticas e burocráticas, no qual o projeto pela graduação em dança e essas ações artísticas estão situadas.

É possível também analisar esse cenário através de uma sociologia que fale sobre o corpo, discussão fundamental, pois aqui está em jogo como as narrativas corpóreas estão imersas em diferentes contextos sociais, políticos e culturais. Uma sociologia que coloque a centralidade do corpo, que questione dualismos como mente/corpo. Nesse sentido, David Le Breton (2007) descreve a centralidade de compreender o corpo na sociologia:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um

imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem. (BRETON, 2007, p.7)

Le Breton também coloca a importância dos autores clássicos, como Marcel Mauss (1934), para esse campo na sociologia, ao debruçar-se sobre as técnicas corporais, em seu caráter biopsicossocial, no qual a dimensão cultural e social é fundamental, na forma como aprendemos a nos movimentar.

Nesse sentido, outro autor, destacado por Le Breton, e que possui uma forte influência de Marcel Mauss é Pierre Bourdieu (2006), com o conceito de *hégis* corporal. Ao falar sobre o *habitus* do camponês, o autor fala como o *habitus* molda a *hégis* corpórea, que consiste no “jeito corporal” dos indivíduos. A *hégis*, nesse sentido, seria moldada pelas práticas cotidianas que agem diretamente nos nossos corpos e são assim refletidas. Além da *hégis*, junto com ela há ainda o *eidos* (componentes cognitivos) e o *ethos* (normativos), elementos que se articulam em um mesmo *habitus* e que operam em conjunto.

Voltando a situação da graduação em dança em Santa Catarina, pode-se refletir que as instituições acadêmicas, ao menos em Santa Catarina, onde há uma forte luta para se implementar uma graduação em dança, tem se preocupado mais com o *ethos* acadêmico, do que a com a *hexis* corporal, que tem em vista como o *habitus* é incorporado nas diferentes maneiras de ser dos indivíduos. Numa perspectiva fenomenológica, o pensamento racional cognitivo é aquele ainda visto como o mais legítimo, perante aos que colocam outros saberes, como os corporais.

Brenda Farnell (2000) também se inspira em Marcel Mauss, no momento em que para o autor o conceito de técnicas corporais e algumas concepções sobre aprendizado corporal começam a ser delineados. Farnell coloca a importância da prática na compreensão das técnicas corporais, de forma que possibilite entender as sociabilidades por intermédio da agência do corpo e das ações corpóreas. A partir dessa discussão, a autora dialoga com uma vertente da antropologia que se baseia em discussões da fenomenologia e psicologia com a crítica ao dualismo mente/corpo, ao passo que também questiona posições teóricas que levam em conta apenas a subjetividade de uma “intencionalidade corporal”.

Dessa maneira, é possível situar a discussão da antropologia e sociologia sobre o corpo e a dança, pensando como a fenomenologia

contribui nesses debates. No que diz respeito às intervenções de dança, em prol do curso de graduação, trata-se de uma prática que parte do corpo e que não está dissociado dos processos mentais e burocráticos nos quais costumamos separar o corpo, quando falamos sobre políticas públicas.

A autora Maxine Sheets-Johnstone (1999) também vem fazendo parte do meu repertório na maneira como venho compreendo a dança, corpo e movimento. Sheets-Johnstone escreve sobre uma fenomenologia da dança. Com o conceito de “pensamento cinético” ela visa romper com as concepções sobre o movimento, o corpo e a dança, tendo como base a divisão clássica entre corpo e mente. Com a noção de pensamento cinético, ela propõe que movimento e pensamento são indissociáveis, não caberia à mente a produção de racionalidade, mas o próprio movimento já é pensamento, cognição. É possível refletir que as ações corpóreas, que são também intervenções políticas, são formas de “protestos” com o próprio corpo. Essas intervenções, feitas com dança, proporcionam diferentes experiências sensoriais que são possíveis do movimentar-se, mas também da conexão do corpo com os agentes externos, com o espaço público.

3.3 AUDIÊNCIA PÚBLICA

Estive presente no dia 27 de maio de 2018 na Audiência pública sobre a implantação do curso de graduação em dança na UDESC na ALESC - Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Essa audiência foi agendada pela Aprodança e dirigida pela deputada Luciana Carminatti, e teve como participantes da mesa: Sandra Meyer, a diretora do CEART - UDESC, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Maxwell Sander, presidente da Aprodança e Edir Seemund, da Gerência de Políticas e Programas de Educação Superior/GEPRE, representando o secretário de educação, Eduardo Deschamps.

A audiência estava lotada, entre o público podia se observar bailarinos, estudantes e professores do CEART - UDESC, professores da rede básica, e membros da Associação de dança de Criciúma -ASDC.

Maxwell Sander falou sobre a trajetória do Aprodança frente a implantação do curso de dança nesses 34 anos de instituição, citando ações como o "Graduação em dança já", e as diversas reuniões que já tiveram lugar na Assembléia Legislativa. Sandra Meyer contou a história pela implantação do curso, falando sobre a forte presença da dança no estado, com os mais de 70 festivais de dança, e sobre porque a implantação da dança “travou” na UDESC: os 0.03% do duodécimo que faltam para que o curso seja criado e mantido.

A diretora Maria Cristina da Rosa, do CEART - UDESC, enfatizou a necessidade do aumento do duodécimo da instituição para a implantação do curso. Colocou a importância do curso de dança em uma universidade pública e gratuita, explicando que é incomparável o que uma instituição pública e gratuita pode oferecer comparada a uma universidade particular, em termos, sobretudo, de estrutura e orçamento. Acrescenta ainda que a conquista que está colocada em pauta é também para a formação do professor de dança, pois nesse momento há professores de outras áreas que estão dando aula de artes, assunto que foi conversado com Sandra Meyer em entrevista.

Representando o secretário de educação, Edir Seemund fala que a solicitação do aumento do recurso não passa pelo secretário de educação, mas sim pela própria ALESC. Nesse sentido, o que pode ser feito é a articulação entre a ALESC e a Secretaria de Educação. Disse que há uma deficiência na maneira como as articulações são feitas e como os diálogos ocorrem, e que é possível observar isso no caso da implantação do curso de dança na UDESC. Questiona assim como é possível uma articulação para que o curso seja implantado. A deputada Luciana Carminatti explica que os deputados não podem fazer projeto que demandam dinheiro, que nesse caso é uma despesa para o executivo, instância pela qual o projeto precisará passar.

Um assunto igualmente discutido na Assembleia foi sobre a implantação do novo curso técnico em Joinville, que é o 4º curso técnico em dança nesta cidade. A mesa cobrou que faltou esclarecimento por parte do secretário de educação sobre o porquê da criação de mais esse curso em Joinville, pois não houve discussão para sua implantação. A indignação colocada é ter a criação de mais um curso técnico sem discussão referente, enquanto que a implantação do curso de graduação em dança na UDESC continua sem respostas.

Ao final da assembleia um dos encaminhamentos foi um pedido de mais informações sobre esse curso técnico, qual é o seu objetivo, a grade e o investimento colocado nele, e porque em Joinville. O outro encaminhamento, o principal para a implantação do curso de graduação na UDESC, é uma solicitação oficial para o secretário de educação para tratar do projeto de lei que irá tramitar no Executivo. Nesse sentido, primeiro será conversado com o secretário de educação, que irá conversar com a Fazenda e a Casa Civil, para posteriormente dialogar com o governador.

Foi consenso entre os que estavam na reunião a relevância do curso de graduação em dança, público e gratuito no estado. As falas de todos, da mesa e do público que estava assistindo, ressaltaram a urgência da

necessidade do curso, não só para a formação de profissionais, mas sobretudo como demanda da educação básica. Algo que foi comentado, também durante a reunião, na fala do público que estava presente, foi sobre ter somente uma deputada na mesa, quando são 40 deputados no total, na ALESC. A conclusão lógica para essa ausência foi a de que a presença de apenas uma deputada nessa audiência pública demonstrou que esse assunto não é prioridade na Assembleia Legislativa, e que por isso o curso não foi implantado até então.

As minhas impressões dessa audiência é que a implantação do curso de dança é importante apenas para uma parcela, sobretudo para aqueles/as que são bailarinas/os, ou que estão inseridos na dança de alguma forma. A presença de apenas uma deputada, a ausência do secretário que enviou uma pessoa substituta para representá-lo demonstra que não há de fato um interesse político em implementar o curso. Outro ponto que demonstra isso é quando na fala da representante da secretaria de educação ela tira a responsabilidade do secretário de educação Eduardo Deschamps⁷, transmitindo toda a autonomia de implementação do curso para a UDESC, o que deixou a mim e os que estavam presentes na plateia confusos. Entretanto, o que percebi é que essa narrativa da representante pareceu uma estratégia para se isentar da responsabilidade dos anos em que são cobrados uma resposta da secretária de educação em relação ao pedido de aumento do duodécimo da UDESC.

Durante as falas da plateia, ficou claro que aqueles que são da área da dança estão preocupados com a legitimação da sua área enquanto profissão, mas igualmente com a valorização da dança enquanto área de conhecimento. Há nesse caso uma disputa por reconhecimento entre áreas, se refletirmos que outros campos de conhecimentos já possuem essa legitimação, como no caso dos cursos das áreas de exatas. Apenas a cidade de Florianópolis abriga a UFSC, universidade com 13 modalidades de cursos de engenharia, mais outras 13 engenharias distribuídas no campus de Araranguá, Blumenau, Curitiba, Joinville. Acredito que as cidades que possuem o curso de dança já avançaram no sentido de propor essa valorização a área. Por outro lado, Florianópolis ainda precisa buscar pela valorização da dança enquanto profissão, ao propor a implementação de um curso que seria uma nova política cultural para o estado.

⁷ Eduardo Deschamps foi secretário de educação pelo Estado de Santa Catarina durante sete anos, nos dois mandatos do governador Raimundo Colombo (PSD). Ele deixou o cargo em abril de 2017 justificando precisar dedicar-se à presidência do Conselho Nacional de Educação, isso ocorreu posteriormente a essa audiência.

Lia Cabrale (2007) coloca que as políticas públicas são decisões coletivas e que depende de canais de diálogo e de participação entre governo e sociedade civil, o que envolve diversos agentes, ações normativas e recursos para que seja viabilizado. Ainda para ela, é o estado que deve fornecer os meios para que ocorra o diálogo e essas articulações, tal como foi proposto na reunião da ALESC.

As discussões da ALESC ainda pontuaram a necessidade de discutir a graduação em dança na UDESC enquanto uma política cultural, nesse sentido, é uma política cultural que precisa perpassar por diversas instâncias, necessitando ainda de articulação e amplo diálogo com os agentes interessados (sociedade civil). Nestor Canclini coloca que as políticas culturais são “conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social.” (2001, p.65). Ou seja, são intervenções que dependem de mais de uma instância e necessitam também do consenso para que sejam implementadas, viabilizadas. No caso do curso de graduação em dança, trata-se de uma política cultural que já passou por diferentes instâncias, já foi debatida pela UDESC, que teria o “poder” de implementá-la, se não fosse pelo acréscimo no duodécimo necessário que falta, perpassou pela Secretaria de Educação e pela Assembleia Legislativa. No momento da audiência, o que a militância pela dança pediu foi que o aumento do duodécimo da UDESC ocorra por meio do diálogo entre essas vias, para que o curso possa ser implantado de fato, o mais breve possível.

Como colocado por Sandra Meyer, entre as artes, a dança é a única linguagem artística que não está presente no CEART - UDESC, já que há muitos anos esse centro de ensino conta com os cursos de artes cênicas, música e artes visuais. Com isso, e também pelas discussões feitas nessa reunião sobre o lugar que a dança não tem ocupado, é possível refletir com o que Márcia Strazzacappa (2003) coloca, de que a dança sempre esteve numa situação inferior às demais manifestações artísticas. Um exemplo que ela utiliza é que a dança fica a “mercê” das secretarias de artes cênicas do Ministério da Cultura, que coloca a dança no mesmo bloco que o teatro. Outra crítica que se faz é que mesmo a dança sendo reconhecida como um curso superior com suas próprias diretrizes, desde 1970, quem fiscaliza esses cursos são, em maioria, profissionais do teatro ou da educação física. Um outro elemento é que, na educação básica, a dança era vista, até então, como conteúdo da educação física, ou senão, aplicada como complemento às aulas de música. Ainda segundo Strazzacappa, a recente colocação da dança como uma das linguagens artísticas obrigatórias no ensino básico

leva a reflexão sobre até que ponto a dança é compreendida enquanto uma área de conhecimento autônoma dos outros campos da arte.

Por outro lado, ainda nas falas da plateia presente na audiência pública, professores da rede básica, que ali estavam, alertaram a necessidade de uma graduação em dança para que ela esteja presente no ensino básico, não como algo para “passar tempo” das crianças e adolescentes nas aulas de educação física, mas que seja valorizada como campo de conhecimento, assim como as outras disciplinas. Percebi através dessas narrativas que a preocupação com a docência no ensino básico tem sido uma das justificativas centrais para a implementação da graduação em dança, o que vai de encontro também as falas da professora Sandra Meyer e do Marco em entrevista. Segundo as falas do que estavam ali presente, no estado de Santa Catarina, um começo para que a dança seja compreendida com seriedade nos currículos escolares é que seja reconhecida como um curso superior, dentro de uma universidade pública e gratuita, pois como citado no primeiro capítulo, Bourdieu enfatiza que o diploma tem um papel fundamental na legitimação da profissão e da área enquanto campo de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi buscar a história do projeto de graduação em dança na UDESC, saber quais foram os entraves – segundo a fala dos principais envolvidos - e as ações que foram feitas para que esse curso fosse implementado. Entretanto, essa pesquisa levanta outras pistas a percorrer. Na questão da dança enquanto política cultural pesquisei bibliografia sobre o assunto e percebi que a literatura ainda é muito escassa. Portanto faz-se necessário maior investigação neste campo para futuras pesquisas.

Outro assunto que surgiu neste trabalho foi relacionado a dança em escolas da rede pública, mas as pesquisas sobre o tema ainda são poucas e há pouco material a respeito. Seria importante um levantamento de como a dança tem sido ensinada nas escolas onde já esteja implementada. Com esta finalidade poderiam ser elaboradas etnografias nessas escolas.

Outra possibilidade interessante é investigar o interesse das escolas de danças na implantação de uma graduação em dança, buscando compreender o vínculo dessas escolas em ações como o "graduação em dança já", quando muitas escolas estiveram presentes, oferecendo aulas gratuitas nesta semana. Esse estudo demandaria um maior tempo para entrevistar os/as proprietários das escolas de dança de Florianópolis.

Conforme discutido no primeiro capítulo, a primeira instituição a ter um curso de dança foi a UFBA há mais de 60 anos. Nos anos 2000 o número de instituições com curso de dança aumentou, antes eram ofertados 10 cursos de graduação que passaram para mais de 40 no ano de 2015, sendo a licenciatura a habilitação mais ofertada nos cursos de graduação em dança. Um motivo fundamental para isso tem sido a demanda da rede básica, que passa a colocar a dança como obrigatória, enquanto componente curricular.

Lendo os objetivos dos cursos de graduação em dança, e o respectivo público que alcançam, observa-se que as/os estudantes que ingressam são, sobretudo, pessoas que já possuem experiências prévias com a dança, e que se consideram bailarinas/os. Nesse sentido, pode-se pensar que, apesar desses bailarinos já terem habilidades adquiridas com a prática da dança, seja em aulas regulares, ou em cursos profissionais de formação em dança, é através de um curso de graduação e do diploma que sua formação profissional é legitimada. Nesse sentido, Bourdieu (1998) coloca que no diploma há um valor não somente econômico, mas também social, que lhe é conferido e que legitima profissionalmente aquele que deseja atuar na área.

Enquanto em outros estados têm sido feitas pesquisas para saber o perfil profissional dos alunos graduados em dança, em Santa Catarina não existe essa possibilidade, já que a primeira graduação em dança só foi implantada no estado no ano de 2017. Ao lado disso, os seminários e eventos sobre dança que ocorrem na região, no âmbito acadêmico, são espaços para reivindicar que seja implementado o curso no estado, em uma universidade pública e gratuita.

Em Santa Catarina, apesar de outras instituições, como a UFSC, já terem se manifestado sobre a possibilidade de implementar um curso de graduação em dança, a instituição na qual há uma maior militância para a implantação é a UDESC. Desde 1991, é cogitado um curso de graduação nessa instituição, nesse sentido o nome mais importante que vem acompanhando essa história é o da bailarina e professora Sandra Meyer. Desde então, diversos esforços foram feitos para a implementação desse curso na UDESC, sejam trâmites burocráticos, como criação de portarias, projeto pedagógico, cartas e dossiê, entregues ao secretário de educação do estado, e diversas reuniões na Assembleia Legislativa, como também iniciativas artísticas, tal como a “Graduação em dança já”.

Na fala de Sandra Meyer e na audiência da ALESC o principal motivo que surge para o insucesso da implantação da graduação em dança na UDESC é a falta de repasse financeiro para a instituição. O que também surge, na fala dos entrevistados e na reunião da ALESC, é que os mais de 20 anos no qual esse curso é reivindicado demonstram que há também uma falta de vontade política na implementação desse curso, já que outros cursos, como técnicos, têm sido implementados no estado com facilidade e sem explicação.

Diversas ações já foram feitas para implantar o curso, entre elas a “Graduação em dança já”, semana voltada para a reivindicação do curso na UDESC. Essas ações se constituem enquanto arte engajada, que através de arte e ativismo reivindicavam o curso de graduação em dança com a dança. Outro conceito que utilizei para falar sobre as ações do “graduação em dança já” é o de ativismo, conforme colocado por Tylor (2012), por ser uma arte que une ativismo político com dança. O engajamento empreendido nessas ações não são isolados dos processos burocráticos em prol do curso, mas são ações que dialogam enquanto ativismo político.

Na antropologia, a dança tem sido compreendida, desde os estudos clássicos, como fundamental para ser analisada e descrita, o que inclui o interesse em como se aprende a dançar, como essa técnica é ensinada e apreendida. Ao entrevistar Sandra Meyer e Marco Aurélio de Souza foi possível ter uma breve noção sobre a expectativa com relação à implantação do curso de graduação em dança no estado. Ambos defendem

a concepção do professor-artista-pesquisador, e da necessidade de não separar a prática da teoria. O que se espera de um profissional de dança num curso de graduação é interessante para a antropologia, e nesse sentido apontei como o conceito de “aprendizagem na prática”, reflete sobre um aprendizado que também acontece através do corpo tão bem como os problemas das divisões mente/corpo para pensar o processo educativo em dança.

A importância de compreender a dança como não separada dos processos cognitivos é fundamental para refletir que a não valorização da dança está relacionada ao dualismo, mantido pelo binômio corpo/mente como contraste, que se atualiza, até mesmo nas universidades na qual a lógica do pensamento racional cognitivo, é visto como o mais legítimo perante outros saberes corporais. Dessa forma, essa pesquisa convida a uma reflexão de pensamento e o movimento como indissociáveis, tendo a sociologia e a antropologia como aportes para a reflexão de como os processos ditos “mentais” não podem ser colocados em contraposição ao corpo. Este elemento é relevante igualmente no que se refere às ações do “graduação em dança já”, no qual as intervenções em dança como forma de protesto não estão separadas dos processos burocráticos: são ações legítimas para pensar, e militar em prol da dança.

Nesse processo de pesquisa podendo entrevistar os agentes envolvidos na reivindicação e participando da audiência, pude perceber que há uma falta de interesse político por parte do estado quando trata-se da implantação de uma graduação em dança gratuita. No entanto, a militância em prol da graduação sugere que os agentes envolvidos provavelmente irão continuar reivindicando esse espaço de ensino, e farão isso através de diferentes estratégias, por meio de audiência pública, de documentos oficiais e da própria prática da dança.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Dulce. Dança e universidade: desafio à vista. In: **Lições de Dança 3**. PEREIRA, Roberto e SOTER, Silvia (Org.). Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003
- BOAS, Franz. **Primitive Art**. New York: Dover, 1955
- BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. O diploma e seu cargo. In: **Escritos da educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. **A produção da crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. RGS: Edit. Zouk, 2006, 3ª. Edição.
- _____. **O camponês e seu corpo**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CABRALE, L. **Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas**. In: RUBIM, A. A. C. Salvador: Edufba, 2007.
- CANCLINI, N. G. **Definiciones en transición**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.
- CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA F.L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. Belo horizonte: Autêntica, 2000, p.151-201.
- DI GIOVANNI, Julia Ruiz. **Artes de abrir espaço**. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. In *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, No 2 | -1, 13-27.
- Dossiê: Mobilização Graduação em dança já! - Florianópolis. Disponível em: https://issuu.com/danpianino/docs/_dossie_graddancaja_final
- INGOLD, Tim. **Making: anthropology, archeology, art and architecture**. London and New Yorg, Routlegde, 2013. pp. 91-10
- LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37 a 47, 2015

LÊ BRETON, David, 1953. **A sociologia do corpo**. 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e antropologia. 1934

MEYER, Sandra. O que não pode mais deixar de ser: relatos indignados sobre a ex(in)clusão da dança no ensino superior em Santa Catarina. In: **Graduações em dança no Brasil: o que será que será?** / Organização: Instituto Festival de dança de Joinville e Thereza Rocha – Joinville: Nova Letra, 2016.

NUNES, Dalma. **Caminhos da professoralidade no curso de dança na UFU: Impasses e desafios na construção da identidade profissional**. Dissertação de mestrado. Uberlândia: Dissertação de mestrado, UFMG, 2016.

RAPOSO, Paulo. **Festa e Performance em Espaço Público: tomar a rua!** In Revista Ilha, UFSC, Florianópolis, v. 16, n. 2, ago./dez., 2014. Pp. 89-114

STRAZZACAPPA, Márcia. **Dança na educação**: discutindo questões básicas e polêmicas. In: Pensar a Prática 6: 73-85, Jul./Jun. 2002-2003

STRATHERN, Marilyn. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto?. In: **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac-Naify, 2014.

TAYLOR, Diana. **Artivistas** (Artistas/Activistas). In Performance, Asunto Impreso Ed., Buenos Aires, 2012. Pp.115-143

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm

ANEXO

ANEXO I – GRADE CURRICULAR DO PROJETO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA DA UDESC

FASE	DISCIPLINA	CRÉDITOS			N. TURMAS		C.H.	PRÉ-REQUISITO	ÁREA (Núcleos) CONHECIMENTO
		T	P	To	T	P			
1	Estudos do Corpo I: Arte, Ciência e Filosofia	4		4	1		72		1
1	Processos de Criação: Improvisação e Composição I		3	3		1	54		2
1	Som e Movimento I	4		4	1		72		1
1	Anatomia para o Movimento I		4	4	1		72		1
1	Técnicas de Dança I		3	3		1	54		2
1	Danças Brasileiras: Tradição e Contemporaneidade I		3	3		1	54		1
	TOTAL 1ª fase			21			378		
2	Fundamentos da Dança I: Conceitos e Contextos	4		4	1		72		2
2	Metodologia do Ensino da Arte	2		2	1		36		3
2	Danças Brasileiras: Tradição e Contemporaneidade II		3	3		1	54		1
2	Técnicas de Dança II		3	3		1	54	Técnica de Dança I	2
2	Anatomia para o Movimento II		4	4	1		72	Anatomia para o Movimento I	2
2	Processos de Criação: Improvisação e Composição II		3	3		1	54	Processos de Criação: Improvisação e Composição I	2
2	Som e Movimento II	2		2	1		36		1
	TOTAL 2ª fase			21			378		
3	História da Dança I	4		4	1		72		2
3	Danças Brasileiras: Tradição e Contemporaneidade III		3	3		1	54		1

3	Técnicas de Dança III		3	3		1	54	Técnicas de Dança II	1
3	Análise, Composição e Pedagogia do Movimento		4	4	1		72		1
3	Metodologias do Ensino da Dança I	4		4	1		72		3
3	Educação Somática I		2	2		1	36		1
	TOTAL 3ª fase			20			360		
4	Técnicas de Dança IV		3	3		1	54	Técnicas de Dança III	1
4	Laboratório de Dramaturgia do Movimento I		3	3		1	54		1
4	Dança Educativa I		4	4	1		72		3
4	História da Dança II	4		4	1		72		2
4	Educação Somática II		2	2		1	36		1
4	Metodologia do Ensino da Dança II	4		4	1		72	Metodologia do Ensino da Dança I	3
4	Metodologia da Construção do Texto Acadêmico	2		2	1		36		3
	TOTAL 4ª fase			22			396		
5	Técnicas de Dança V		3	3		1	54	Técnicas de dança IV	1
5	Laboratório de Dramaturgia do Movimento II		4	4		1	72	Laboratório de Dramaturgia do Movimento I	1
5	História da Dança III	4		4	1		72		2
5	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação I		6	6		1	108		3
5	Dança Educativa II		4	4		1	72	Dança Educativa I	3
	TOTAL 5ª fase			21			378		
6	Técnicas de Dança VI		3	3		1	54	Técnicas de dança V	1
6	Fundamentos da Dança II: Filosofia e Estética	4		4	1		72	Fundamentos da Dança I: Conceitos e Contextos	2

6	Dança Educativa III		4	4	1		72		3
6	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação II		8	8	1		144	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação I	3
6	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	2		2	1		36		3
6	Estudos do Corpo II: História, Cultura e Sociedade	4		4	1		72		2
	TOTAL 6ª fase			25			450		
7	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação III		6	6		1	108	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação II	3
7	Prática de Direção Coreográfica e Teatral		4	4		1	72	Laboratório de Dramaturgia do Movimento II	1
7	Técnicas de Dança VII		3	3		1	54	Técnicas de Dança VI	1
7	Fundamentos da Dança III: Teoria e Crítica	3		3	1		54	Fundamentos da Dança II: Filosofia e Estética	2
7	Metodologia da Pesquisa		4	4	1		72		3
	TOTAL 7ª fase			20			360		
8	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação IV		7	7		1	126	Estágio Curricular Supervisionado: Dança e Educação III	3
8	Trabalho Conclusão de Curso I		1	1	1		18	Ter cumprido no mínimo de 2.646 créditos.	
	TOTAL 8ª fase			8			144		
	TOTAL oito fases			158			2.844		
	Atividades Complementares			15			270		
	Disciplinas Eletivas			16			288		
	TOTAL GERAL			189			3.402		